



A PROPÓSITO DOS VINTE E CINCO ANOS DO PROGRAMA CARTOGRÁFICO NO BRASIL: HIERARQUIAS CARTOGRÁFICAS E EXPLANAÇÃO TEÓRICA^{*1}

ON THE TWENTY-FIFTH ANNIVERSARY OF THE CARTOGRAPHIC PROGRAMME IN BRAZIL: CARTOGRAPHIC HIERARCHIES AND THEORETICAL EXPLANATION

Sandra Quarezemin²
(UFSC/CNPq)

Aquiles Tescari Neto³
(IEL/UNICAMP)

* Nota dos editores: O Dossiê dedicado aos estudos do IV Encontro de Gramática Gerativa seriam publicados por outra revista especializada em estudos formais que determinava que cada volume contivesse um texto escrito por um pesquisador convidado. Ao realizarmos a publicação pela Revista Estudos Linguísticos e Literários, mantivemos o convite à Prof^a. Dr^a. Sandra Quarezemin e ao Prof. Dr. Aquiles Tescari Neto, a quem agradecemos o aceite.

¹ Os autores agradecem ao professor Carlos Felipe Pinto o simpático convite para escreverem este artigo. Algumas das ideias que aparecem neste texto foram exploradas por Aquiles Tescari Neto em entrevista concedida à revista *Linguística Rio*, a convite de Matheus Gomes Alves — link: <https://www.youtube.com/watch?v=TvCc8D0S3BM&t=5240s> (acesso em 26/05/2024) —, a quem Aquiles agradece as perguntas tão bem elaboradas que acabaram por iluminar alguns dos pontos avançados aqui.

² E-mail: sandra@cce.ufsc.br.

³ E-mail: tescari@unicamp.br.

Resumo: Ao celebrar os 25 anos do Programa Cartográfico no Brasil, o artigo tem por objetivo revisar estudos produzidos no país sobre a Cartografia Sintática, considerando um dos objetivos do programa, nomeadamente o de recorrer às hierarquias reveladas pela pesquisa cartográfica como um *explanans* (i.e., como explicações, no sentido dos epistemólogos (Hempel; Oppenheim, 1948)). Para isso, faz-se uma revisão de alguns trabalhos produzidos por pesquisadores brasileiros, com destaque para estudos — que recorreram às hierarquias como um *explanans* — sobre a cartografia da oração nos domínios do CP, IP e vP. O estudo não só atesta contribuições da cartografia à Teoria e Análise Linguística no Brasil como também a vivacidade do programa em território nacional.

Palavras-chave: Cartografia Sintática; CP; IP; vP; Explanans.

Abstract: In celebration of the 25th anniversary of the Cartographic Programme in Brazil, the article aims to review studies produced in the country on Syntactic Cartography, considering one of the goals of this research programme, namely the use of the hierarchies once revealed by cartographic research as an *explanans* (i.e., as explanations, in the sense of epistemologists (Hempel; Oppenheim, 1948)). To this end, a review on some works produced by Brazilian scholars is carried out. The review draws attention to studies — which have used hierarchies as *explanans* — on the cartography of the sentence in the CP, IP and vP domains. The paper not only attests the contributions of cartography to Linguistic Theory and Analysis in Brazil, but also the liveliness of the programme in the national territory.

Keywords: Syntactic cartography; CP; IP; vP; Explanans.

INTRODUÇÃO

No fim dos anos 80 e início dos 90, uma série de trabalhos em teoria e análise linguística no âmbito da Gramática Gerativa propuseram uma expansão das categorias da estrutura da oração reconhecidas em Chomsky (1986), a saber, as categorias que rotulavam as projeções de CP, IP e VP. Com tal expansão, os estudiosos pretendiam capturar, com certo rigor explanatório, não só propriedades de sistemas gramaticais individualmente considerados como também, e sobretudo, a variação tipologicamente atestada por pesquisadores das mais diversas teorias gramaticais. Dentre tantos trabalhos, destacam-se, em Gramática Gerativa, os estudos seminais de Larson (1988) sobre as conchas de VP, de Pollock (1989) sobre o domínio da flexão em inglês e em francês, de Belletti (1990) sobre a estrutura da oração em italiano — com o reordenamento das categorias de Agr e T, antes identificadas por Pollock, à luz do princípio do espelho (Baker, 1985), e com a inclusão de uma projeção de Asp para dar conta

do movimento do verbo —, de Laka (1993) e Speas (1991a,b) sobre posições no domínio flexional, dentre muitos outros.

Tais estudos abriram o caminho para investigações interessantes sobre a composição da arquitetura da oração e de outros domínios funcionais, como o da expressão nominal (veja-se, a esse respeito, a tese de Abney (1987)). Num certo sentido, a pesquisa na Teoria de Princípios e Parâmetros começou a ter interesse particular por uma descrição tanto detalhada quanto possível de cada uma das “projeções estendidas” no sentido de Grimshaw (1991), nomeadamente as unidades gramaticais construídas em torno de uma categoria lexical (V(erbo), N(ome), A(djetivo), Adv(érbio), etc.); a investigação se orientou pelo interesse em determinar não só as unidades atômicas que ampliariam — e comporiam — a projeção estendida de cada uma das categorias lexicais reconhecidas e supracitadas, naturalmente com especial interesse primeiramente pelas projeções do V (ou oração) e do N (ou sintagma nominal ou do determinante — ou expressão nominal) como também a de outros domínios (o do advérbio, o do adjetivo, o da preposição, etc.). A determinação das categorias que constituiriam cada uma dessas projeções estendidas — e, muito mais do que isso, a determinação da ordem relativa dessas categorias (Cinque, 2006) — seria um dos aspectos fundadores de um projeto de pesquisa bastante promissor, liderado por Luigi Rizzi e Guglielmo Cinque, inicialmente na Itália, projeto este patrocinado pelo *Ministero della Ricerca* italiano (nos anos 90), e que veio a ser conhecido como “Projeto Cartográfico”.

Os fundadores da Cartografia não definem essa abordagem como uma teoria, mas antes como um programa de investigação. Cinque e Rizzi (2010), por exemplo, colocam, como objetivo primeiro da empreitada cartográfica, a tentativa de desenhar mapas — tanto detalhados quanto precisos — da estrutura funcional da oração e de seus sintagmas principais. A Cartografia, então, é uma linha de investigação que tem por meta principal chegar às hierarquias dos

domínios funcionais, domínios esses identificados como as projeções estendidas mencionadas no parágrafo anterior. Naturalmente, como em toda teoria sintática — gerativista ou não —, a descrição da oração acaba recebendo atenção maior, revelando-se como palco principal das descrições pelos primeiros trabalhos. Isso também foi observado no florescimento do Programa Cartográfico. Assim, as categorias identificadas em Chomsky (1986) — mencionadas no início deste texto —, quais sejam, as projeções de CP, IP e VP, são, na ótica da Cartografia, vistas como zonas a serem expandidas. Os primeiros trabalhos em Cartografia, então, à semelhança de trabalhos outros desenvolvidos no início dos anos 80 e 90 — alguns deles mencionados nos dois primeiros parágrafos deste texto — encarregaram-se justamente de determinar as unidades atômicas que constituiriam cada um desses domínios (CP, IP e VP). Assim, Rizzi (1997) “explodiu” a periferia esquerda nas projeções de Força, Tópico, Foco, Tópico e Finitude, sendo Tópico uma categoria recursiva para o autor. Cinque explodiu — com base em um exame de advérbios e núcleos funcionais em uma centena de línguas — o IP nas cerca de quarenta categorias que vieram a constituir o “middlefield” da estrutura da oração. Belletti (2004) reconheceu que também a zona baixa de IP — por muitos corretamente identificada como sendo a borda da fase de *vP* —, à semelhança da fase alta (ou de CP), teria uma periferia, com projeções de tópico e de foco, esse último especializado para o foco de informação (vide seções 1 e 3). Num certo sentido, então, é objetivo do programa cartográfico, em primeira mão, fazer, com outras projeções estendidas (a do N, a do A, a do Adv, a da P, etc.), o mesmo que esses trabalhos fundadores fizeram com as “core functional projections” de Chomsky (1986) — CP, IP e VP —, expandindo-as.

Os quase trinta anos de atividade do Programa Cartográfico desde a sua fundação revelam, no entanto, que não só a determinação das categorias das mais diferentes sequências funcionais (f-seq) seja objetivo desse programa: a maneira como os estudiosos têm recorrido à Cartografia em seus trabalhos deixa clara a

importância desse programa também e sobretudo na explanação de fatos gramaticais. Entramos no terreno da “adequação explanatória”. Os mapas cartográficos, uma vez desenhados, servem eles mesmos como instrumentos explicativos a uma série de fenômenos morfossintáticos das línguas (veja-se a esse respeito Tescari Neto (2021, 2022a)). No sentido empregado por Rizzi num minicurso oferecido em 2018 na UFSC, na ocasião do 3rd EISSI⁴, e numa conferência feita nas lives organizadas pela Abralín no período pandêmico⁵, as sequências hierárquicas reveladas pela cartografia se relacionam à explanação em linguística de duas formas: elas são explicações a fenômenos — *explanans*, no sentido dos epistemólogos — ou *explanandum* — i.e., entidades à espera de explicação. Essas duas formas como as hierarquias se relacionam à adequação explanatória é também, digamos, um dos aspectos definidores da Cartografia. Nesse sentido, pode-se dizer que, hoje, caracterizam a Cartografia Sintática três objetivos principais (cf. Tescari Neto, 2022a):

1. o desenho de detalhados mapas da sequência funcional — ou f-seq — das mais diversas projeções estendidas (no sentido de Grimshaw (1991)), especialmente a do V e a do N (inclusive numa perspectiva de busca por (quase) paralelismos) (cf. Cinque; Rizzi, 2010));
2. o uso das hierarquias como um *explanans* (no sentido de Hempel; Oppenheim, 1948) a fenômenos morfossintáticos os mais diversos (cf. Rizzi, 2018a);
3. a tentativa de oferecer explicações às f-seqs uma vez reveladas pelos cartógrafos: neste caso, as hierarquias são um *explanandum*, i.e., entidades à espera de explicações — fala-se, aqui, de explicações do tipo:

⁴ Link para acesso ao handout do curso oferecido: <https://negufsc.files.wordpress.com/2019/06/rizzi-florianopolis-minicourse-1.pdf> (Acesso em 12/04/2024).

⁵ Link de acesso à live: <https://aovivo.abralin.org/lives/luigi-rizzi/> (Acesso em 12/04/2024).

por que as categorias que integram determinada f-seq são as que encontramos e não outras; por que a ordem relativa das categorias é tal e não qual; etc. (cf. Rizzi, 2018a).

No Brasil, a Cartografia Sintática encontrou terreno fértil, sobretudo depois do pós-doutorado de Carlos Miotto em Siena, no fim dos anos 90, de que resultou um manuscrito circulado a partir de 1998 e publicado na *Revista Letras*, em 2001, sobre a periferia esquerda do PB (veja-se Miotto, 2001). De lá para cá, a Cartografia tem atraído jovens pesquisadores e também pesquisadores já com carreira consolidada, de sorte que se pode dizer que o país desponta, no continente americano, como um dos mais promissores polos de desenvolvimento de pesquisas em Cartografia Sintática.

Embora se possa dizer que os cartógrafos brasileiros tenham de certa maneira contribuído com todos os três objetivos do programa — mencionados em 1., 2. e 3., acima —⁶, a produção do país tem se voltado sobretudo ao objetivo elencado em 2, qual seja, o de recorrer às hierarquias cartográficas ou f-seqs enquanto um *explanans* para fenômenos gramaticais e de interface os mais variados. É bastante compreensível a predileção dos cartógrafos brasileiros, ao longo desses vinte e cinco anos de cartografia no país, por este objetivo indicado em 2: desde o trabalho seminal de Tarallo (1983), a Linguística Brasileira — em

⁶ A propósito do primeiro dos objetivos, o do desenho de mapas de domínios funcionais distintos, veja-se, p.ex., Tescari Neto (2013, 2016) — em que se oferece, via testes de precedência-e-transitividade, argumentos para soldar as categorias do quantificador universal (Q_{Univ}) e do modo mirativo ($Mood_{Mirative}$) entre as mais altas de IP —, Tescari Neto (2015, 2017, 2024) — em que se oferece uma hierarquia às categorias associadas aos advérbios ditos focalizadores — e Nespoli (2018) — em que se oferecem razões para a assunção de duas projeções, no Middlefield, associadas ao Perfect (uma para o universal e outra para o existencial). Relativamente ao terceiro dos objetivos, que se volta a motivações para as f-seq, vejam-se Lima (2020) e Sousa (2023), a propósito do reconhecimento de que categorias do Middlefield participem, respectivamente, da derivação de exclamativas-wh e de estruturas de denegação em PB, embora não seja o objetivo desses autores oferecer explicações para as sequências funcionais serem do jeito que são. Na verdade, poucos são os trabalhos em Cartografia que se voltam a esse terceiro objetivo, valendo destacar as propostas — ainda tentativas — de Cinque (1999, cap. 6), Cinque e Rizzi (2010), Laenzlinger (2011), Shlonsky e Soare (2011), Ranchamd e Svenonius (2013).

várias de suas vertentes (em Gramática Gerativa, em Sociolinguística e em Gramática Funcional) — tem juntado esforços para uma caracterização, tanto detalhada quanto possível, das propriedades morfossintáticas do português do Brasil (PB). A Cartografia Sintática, com suas hierarquias e metodologia de análise, “caiu como uma luva”, portanto, no contexto dessas investigações: um país onde já se fazia pesquisas de qualidade em Gramática Gerativa pôde também, enfim, se beneficiar das hierarquias reveladas pelos trabalhos dos cartógrafos para a explanação não só de fenômenos observáveis em PB como também para a explanação de propriedades morfossintáticas que caracterizam o PB como único não só no conjunto das línguas românicas como também na comparação com as línguas ibéricas, em especial o português europeu.

Para comemorar, então, esses cerca de 25 anos de Cartografia no Brasil, temos por objetivo, com este texto, situar a produção nacional em Cartografia Sintática *em vista do segundo objetivo do programa*, qual seja, o de recorrer às f-seqs cartográficas como um *explanans*. O que se busca, então, é fazer uma revisão sucinta de alguns dos trabalhos cartográficos produzidos no país, visando, com isso, a indicar o vigor das pesquisas em Cartografia produzidas no Brasil. Vamos limitar, aqui, contudo, sobretudo a trabalhos cartográficos que se situam no âmbito da projeção estendida do V ou oração. Naturalmente, em vista da vivacidade da produção em cartografia sintática no país, não será possível indicar, dada a limitação ordinariamente imposta à extensão de artigos, todos os trabalhos de cartógrafos brasileiros que, de certa maneira, cumprem com o segundo objetivo supracitado.

Seguindo a lógica da explosão das *core functional projections* — CP, IP, VP — pelos trabalhos fundadores da cartografia, o trabalho se organizará da seguinte forma: a seção 1 trata de trabalhos que se voltaram às hierarquias cartográficas no âmbito da periferia esquerda ou CP; a seção 2 trata de trabalhos que se voltaram a uma descrição do middlefield ou IP; a seção 3 se volta a

trabalhos sobre a hierarquia da periferia baixa (*vP/VP*). Por fim, a última seção, retoma as seções precedentes e apresenta nossas considerações finais.

1 EXPLORAÇÕES CARTOGRÁFICAS EM CP

Seguindo os pressupostos básicos da cartografia, as sentenças das línguas naturais refletem estruturas sintáticas ricamente articuladas. Por isso, o objetivo básico do programa — considerando-se os três objetivos apontados na Introdução — é desenhar mapas detalhando minuciosamente a complexidade desses objetos (Cinque; Rizzi, 2010; Shlonsky, 2010). Vale destacar que esses mapas oferecem uma nova ferramenta para os estudos em sintaxe comparativa, além de fornecer uma base para pesquisas aplicadas, que vão desde a aquisição de primeira e segunda língua até o estudo de patologias da linguagem e o da linguística computacional (Rizzi; Cinque, 2016).

Quando a periferia esquerda da sentença está no cerne da discussão, a atenção se volta para as construções-*A'*, e a abordagem criterial assume um papel crucial na análise das sentenças que expressam propriedades discursivas e de escopo (cf. Rizzi, 1997, e trabalhos subsequentes). De acordo com essa abordagem, o sistema complementizador é uma zona complexa formada por uma sequência de núcleos funcionais (Top, Foc, Q, Rel, Excl, ...) que têm função dupla:

- (i) na sintaxe, disparam movimento, atraindo para o seu especificador um constituinte dotado com traços compatíveis. Neste caso, um núcleo Foc, por exemplo, atrairá um sintagma dotado com um traço +Foc, e assim por diante;
- (ii) nos componentes de interface com som e sentido, os núcleos criteriais disparam procedimentos interpretativos para uma atribuição adequada das propriedades discursivas e de escopo em LF, e para gerar um contorno entoacional apropriado em PF.

Os núcleos criteriais podem ser nulos, como no caso do inglês (1), ou morfológicamente realizados, como no caso do gungbe (2):

- (1) a. This book **Top** you should read _ tomorrow
 Esse livro Top você deveria ler _ amanhã
- b. THIS BOOK **Foc** you should read _ not Bill's book
 Esse livro Foc você deveria ler _ não o livro do Bill
 (Rizzi, 2018b, p. 150)
- (2) a. Un sè [do [dan lo **yà** [Kofi hu ì]]]
 Eu ouvi que cobra o Top Kofi matou ela
- b. Un sè [do [dan lo **wè** [Kofi hu _]]]
 Eu ouvi que cobra o Foc Kofi matou_
 (Aboh, 2004, *apud* Rizzi, 2018b, p. 151)

Observe que os núcleos criteriais, em geral, fornecem configurações [Especificador-núcleo-complemento] que guiam a interpretação de acordo com o conteúdo interpretativo do núcleo em questão. Nos casos acima, tem-se configurações Tópico-Top-comentário e Foco-Foc-suposição. O trabalho dos componentes de interface é interpretar (em LF) e atribuir o contorno prosódico (em PF) da sentença, tomando como ponto de partida a estrutura gerada pela Narrow Syntax. Segundo Cinque e Rizzi (2016, p. 145), a abordagem criterial é considerada parte de um programa de “sintatização” de propriedades semânticas, pragmáticas e prosódicas, em que a sintaxe oferece configurações hierárquicas transparentes e uniformes — vejam-se também, a esse respeito, Rizzi (2013); Quarezemin e Tescari Neto (2015); Tescari Neto (2022a).

Fundamentado nos trabalhos de Rizzi (1996, 1997), Mioto (2001) apresenta um estudo sobre a periferia esquerda em português brasileiro (PB), que figurou num dossiê sobre o sistema CP em PB. De forma bastante detalhada, o autor aplica o sistema de critérios, apontando seus efeitos em construções de tópico, foco, clivadas e interrogativas na gramática do PB. Este trabalho pode ser considerado o marco inicial dos estudos em cartografia no Brasil, como

mencionado na introdução deste artigo. Mioto abriu as portas para um programa de pesquisa ainda pouco conhecido por aqui; seu trabalho é referência para os interessados em investigar construções de foco e tópico e um possível paralelismo existente entre as interrogativas-Wh e as sentenças com foco.

Nesta seção, vamos apresentar brevemente alguns estudos sobre fenômenos que envolvem a periferia esquerda da sentença no PB, buscando, sempre que possível, demonstrar — no espírito do objetivo geral do presente trabalho, qual exposto na *Introdução* — como os trabalhos sobre a periferia esquerda do PB têm cumprido com o segundo objetivo do Programa Cartográfico, nomeadamente o de recorrer às hierarquias como um explanans no sentido dos epistemólogos.

No cenário das dissertações e teses, em 2001, Krug de Assis defende uma dissertação intitulada *Sentenças clivadas e pseudoclivadas no Português Brasileiro*, descrevendo a relação dessas construções com o fenômeno da focalização. Em 2002, Zanzel defende o trabalho de mestrado intitulado *As sentenças focalizadas do Português Brasileiro*, e, em 2003, Sell defende a tese de doutorado com o título *As interrogativas do Português Brasileiro – perguntas e respostas*. Os dois trabalhos exploram os critérios foco e Wh, respectivamente, mostrando a expansão do domínio CP em diferentes construções do PB. Em 2004, Soares defende a dissertação *Sentenças com tópico no Português Brasileiro*, explorando as construções de tópico na periferia esquerda, e, em 2005, Quarezemin apresenta a dissertação sob o título *A focalização do sujeito no Português Brasileiro*, descrevendo estruturas de sujeito focalizado na periferia alta e baixa do PB. Em 2009, Quarezemin defende a tese de doutorado intitulada *As estratégias de focalização no Português Brasileiro – uma abordagem cartográfica*, mostrando quais tipos de sentenças são escolhidas pelos falantes do PB para focalizar o sujeito e o objeto. Todos esses estudos foram realizados na Universidade Federal de Santa Catarina sob a supervisão da professora Maria Cristina Figueiredo Silva, a tese de Sell, e do

professor Carlos Mioto, os demais trabalhos. Na USP, em 2008, Polli apresenta o trabalho de doutorado intitulado *A Periferia à Esquerda no Português Brasileiro: seus constituintes e sua derivação*, orientado pela professora Maria Aparecida Torres Moraes. Neste estudo, o autor explora construções de tópico e de foco dos séculos XIX e XX que acionam o sistema CP. Em 2011, na Itália, sob a supervisão da professora Adriana Belletti, Guesser defende a tese de doutorado sobre as sentenças clivadas do PB (intitulada *La sintassi delle frasi cleft in portoghese brasiliano*). A autora discute a relação entre as clivadas e a focalização, apontando diferentes contextos em que os falantes do PB, em uma atividade experimental, aceitam sentenças clivadas. Esses foram alguns dos primeiros trabalhos, em sua maioria teses e dissertações sobre o sistema CP, que colaboraram com o avanço dos estudos sobre a cartografia do PB.

Em vista do objetivo do presente trabalho, qual seja o de mostrar o vigor da pesquisa brasileira em Cartografia sobretudo no que diz respeito ao segundo objetivo do Programa Cartográfico elencado na Introdução — o de recorrer às hierarquias como um explanans —, a revisão de alguns trabalhos feitas a seguir, sobretudo trabalhos publicados em periódicos e livros, buscará ilustrar, a partir de alguns fenômenos da periferia esquerda, exemplos de como as sequências funcionais reveladas pelos trabalhos dos cartográficos (as "hierarquias") têm sido utilizadas na explanação de tais fenômenos.

Guesser e Quarezemin (2013) tratam do comportamento sintático e pragmático-discursivo das sentenças clivadas, nos casos de focalização do sujeito e do objeto no PB. As autoras mostram como a abordagem criterial está relacionada à análise das clivadas, explorando as posições de foco na periferia esquerda da sentença matriz e da sentença encaixada. Consideremos, para isso, as ocorrências em (3) e 4), a seguir.

- (3) a. Quem comprou o livro?
b. Foi a Maria que comprou um livro.

- (4) a. O que a Maria comprou?
 b. Foi um livro que a Maria comprou.

A partir da análise dessas sentenças, as autoras verificam que os processos de focalização via clivagem colocam em jogo diferentes projeções de foco de acordo com o tipo de interpretação focal. Enquanto em (3b) o sujeito [a Maria] aparece em uma posição de foco mais baixa, tendo a interpretação de foco de informação, em (4b), o objeto focalizado figura em uma posição mais alta, na periferia esquerda da matriz, sendo interpretado apenas como foco contrastivo. Por isso, a frase em (4b) não seria adequada em um contexto de pergunta-resposta que não requer contraste, conforme sugerido por (4') a seguir, em que apenas a ordem S-V-O dá lugar à boa formação (confronte-se, a esse respeito, a gramaticalidade de (4'b) com a malformação de (4'c)):

- (4') a. Dois amigos estão conversando sobre o fato de a Maria ter saído de casa para fazer compras na tarde de ontem. Um deles, então, pergunta: O que a Maria comprou?
 b. A Maria comprou um livro.
 c. #Foi um livro que a Maria comprou.

De acordo com a proposta cartográfica, as interpretações das clivadas acima resultam de duas estruturas distintas: quando o foco é de informação, tem-se (5a)⁷; quando o foco é contrastivo, a estrutura é a representada em (5b).

- (5) a. $pro_{expl} \dots [TP \text{ foi}_j \dots [FocP \text{ a Maria}_i [VP \text{ t}_j [CP \text{ Foc}_{\text{Foc}} \dots [EPP \text{ t}_i \dots [FinP \text{ que } [TP \text{ comprou } t_i \text{ um livro}]]]]]]]$
 b. $pro_{expl} [TP \dots \text{ foi}_j [VP \text{ t}_j [CP \text{ Foc}_{\text{Foc}} \text{ um livro}_i \text{ Foc } \dots [FinP \text{ que } [TP \text{ a Maria comprou } t_i]]]]]]$

⁷ Para Belletti (2010), em estruturas canônicas de clivagem — nas quais o foco recai sobre o sujeito —, o CP complemento da cópula porta um traço EPP, o qual exprime uma relação de predicação entre o sujeito em CP e conteúdo proposicional que o segue.

A expansão do CP também tem reflexo na interpretação de sentenças com o advérbio 'lá', como investiga Pereira (2020). Para a autora, além do valor locativo, esse item lexical terá uma interpretação distinta de acordo com a posição ocupada por ele na configuração sintática. Dessa forma, Pereira captura restrições de ordenação dentro do sistema CP, mostrando que o 'lá' pode aparecer nas posições de Spec,Foc, Spec,Top, Spec, Fin e Spec,Force, valorando o traço correspondente junto ao núcleo de cada uma dessas projeções.

Em sentenças imperativas, como em (6), o advérbio sempre aparece em posição pós-verbal, com um valor enfático na realização da ordem e com esvanecimento do valor de dêixis espacial.

- (6) a. Pensa *lá* no que você vai fazer!
b. Veja *lá* o que fala!
c. Raciocina *lá* comigo! (Pereira, 2020, p. 151)

Nestes casos, o 'lá' é inserido diretamente na posição de especificador de foco, logo abaixo de Force, para onde vai o verbo. As evidências apontadas por Pereira são: (i) 'lá' recebe um acento enfático, sendo incompatível com elementos wh focalizados (7a), possivelmente em virtude do fato de 'lá' disputar a mesma posição com esses itens focalizados — uma reminiscência do critério de Jackendoff (1972) —; (ii) 'lá' figura sempre em pós-verbal (7b), posição esta decorrente da subida de V a Force, movimento típico de estruturas imperativas (Platzack; Rosengren, 1998); (iii) 'lá' aparece sempre adjacente ao verbo (7c), "não sendo permitida a intercalação de um elemento topicalizado entre ForceP, ocupado pelo verbo alçado, e FocusP, ocupado por 'lá'." (Pereira, 2020, p. 153)

- (7) a. *Onde calma *lá*?
b. **Lá* calma!
c. *Raciocina comigo/com ele/com atenção *lá* nessa conta.
(Pereira, 2020, p. 153)

Os três argumentos apontados por Pereira — com base nos dados em (7) — estão alinhados a um uso das hierarquias cartográficas como um explanans: assim, o teste da coocorrência (sobre o qual tornaremos a falar na seção 2) restringe a linearização conjunta de elementos que disputam pela mesma posição na hierarquia (7a); o da inversão (7b) explora a hierarquia ao recorrer ao movimento obrigatório do V(erbo) à posição de Force (para valoração do traço associado ao tipo sentencial; no caso, o imperativo (cf. Masetto, 2023)); e o da intercalação recorre à necessidade de adjacência entre o V em Spec,Force e o adverbial em Spec,Foc. Deste modo, as sequências funcionais são exploradas em Pereira para a explicação da distribuição de lá em CP.

Quando ‘lá’ tem interpretação locativa, como se verifica abaixo, a autora verifica que o item não funciona como argumento circunstancial de direção alvo (8b); neste caso, somente ‘aqui’ e ‘cá’ seriam aceitos no referido contexto. O advérbio ‘lá’, como argumento de ‘vir’, só é gramatical se tiver valor locativo de fonte/origem, como em (8c,d). As ocorrências em (8) são de Pereira (2020, p. 154ss.).

- (8)
- a. Lá vem a Maria!
 - b. A Maria vem cá/aqui/*lá muito raramente.
 - c. Está vindo a Maria (de) lá.
 - d. Vem a Maria (de) lá.

Dessa forma, Pereira propõe que ‘lá’ (em (8a)) figura no especificador de tópico na periferia esquerda, sem a preposição ‘de’, que pode ser omitida, mesmo em posição final (8d). De acordo com a autora, o aparecimento do ‘lá’ nesta posição está relacionado a propriedades discursivas de tópico, não correspondendo, portanto, a um locativo.

Nas sentenças em que ‘lá’ tem escopo sobre o verbo ou a locução verbal ‘lá+ir’, como em (9), o advérbio perde o valor locativo, exibindo uma alternância

entre as noções de iminência e decorrência de uma ação (cf. PEREIRA, 2012, p. 367).

- (9) a. “Embrulhados assim, os ovos têm proteção suficiente para aguentar os trancos que **lá vão** tomando na cangalha” (Programa Globo Rural, tema Tropeiros do Parmesão, em 19 de setembro de 2010).
b. “ele arriou a mulona dele e o ôto arriou um cavalin véi lá do pai dele e saíru os dois... sadio... [...] eles **lá iaberano** um matão” (Causo do Marimbondo, Geraldinho).
c. Ele **lá ia** tomar café, quando derramou tudo na mesa.
(Pereira, 2020, p. 161)

A autora propõe que, nesses casos, ‘lá’ ocupa Spec,FinP, checando traços [\pm realis] deste núcleo; modo *realis* em (9a,b) e *irrealis* em (9c). De acordo com Pereira, é em FinP que se representa hierarquicamente a diferença entre iminência (*irrealis*) e decorrência (*realis*): Fin atrairia um traço finito, também presente em tempo e modo (cf. Platzack; Rosengren, 1998; Pereira, 2020).

Por fim, a autora observa que nas estruturas com “seja lá x for”, nas quais x pode ser um DP (10aB, 10bB), AdvP (10cB), PP (10dB) ou QP (10e’), o advérbio ‘lá’ é inserido em Spec,ForceP, enquanto a categoria x é movida do domínio interno ao IP/VP, especificamente da posição de predicativo em uma Small Clause, para Spec,FocusP.

- (10) a. A: Que pessoa/que livro devo aceitar?
B: Seja *lá* que pessoa/qual livro *for*, aceite.
b. A: Quem eu devo cumprimentar?
B: Seja *lá* quem *for*, cumprimente.
c. A: Como/onde devo ir?
B: Seja *lá* como/onde *for*, vá.
d. A: Por que/de que direção devo prosseguir?
B: Seja *lá* por que razão/de que direção *for*, prossiga.
e. Seja *lá* bonito como *for*, não compre.
e’. Seja *lá* quão bonito *for*, não compre.

(Pereira, 2020, p. 165)

Com essa análise, a autora atribui a mesma posição sintática para as expressões-wh de naturezas lexicais diversas, que constituem a estrutura predicativa pós-cópula em questão. Além disso, o núcleo Force, conforme argumenta Pereira, seria dotado de traços [+condicionais], uma vez que a expressão 'seja lá x for' admite paráfrase por uma oração condicional com 'se'. Pereira (2020) recorre, então, às hierarquias cartográficas como um explanans, no sentido antecipado na *Introdução*, o que lhe permite, a partir da sequência funcional da oração, determinar não só os valores expressos por 'lá' como também e sobretudo as posições ocupadas por esse item em cada valor específico por ele veiculado.

O sistema CP também é bastante explorado quando se trata da investigação das sentenças interrogativas no português brasileiro. Miotto e Kato (2005) verificam que a sintaxe do PB e a do português europeu (PE) se distanciam bastante quanto às estratégias para satisfazerem o Critério-Wh. O PE se alinha, conforme os autores, com línguas que apresentam o fenômeno V2 residual, que resulta da lexicalização do C (complementizador) pelo verbo finito, gerando a ordem VS em alguns casos (11b).

- (11) a. [CP Onde [C é que você estava em 82, Artur Jorge?
 b. [CP Como [C reagiu Adriano Pinto?
 (Miotto; Kato, 2005, p. 172)

O PB não apresenta o núcleo I marcado como [+Q]; teria, então, passado a lexicalizar o C [+Q] por meio do complementizador *que*:

- (12) a. [CP Onde [C que você estava em 82, Artur Jorge?
 b. [CP Como [C que Adriano Pinto reagiu?
 (Miotto; Kato, 2005, p. 172)

Segundo Miotto e Kato (2005, p. 191), "[o] que há em comum nas duas estratégias é que o C lexicalizado de uma forma ou de outra desencadeia o movimento da expressão Q para Spec de CP." Quanto às interrogativas-Wh

encaixadas, os autores argumentam que PB e PE satisfazem o critério-Wh de forma semelhante, conforme (13), também de Mioto e Kato (2005, p. 173):

(13) O João perguntou [_{CP} com quem [_{IP} o senhor prefere disputar.

Neste caso, o núcleo I não porta nenhum traço [+Q]. A interferência do sujeito entre a expressão Q e o verbo finito não gera problemas, "porque a relação Spec-núcleo se estabelece entre 'com quem' e o C, foneticamente nulo, mas formalmente dotado do traço [+Q]." (Mioto; Kato, 2005, p. 182).

A Cartografia tem sido útil também na explanação de fenômenos de mudança. Desde o trabalho seminal de Benincà (1984), estudos em Linguística Diacrônica têm mostrado que a sintaxe das línguas românicas medievais exibiram efeitos V2 comparáveis aos das línguas germânicas. Trabalhos produzidos no âmbito do Projeto Tycho Brahe — muitos deles recorrendo à estrutura articulada de Rizzi (1997 e trabalhos subsequentes) — também se dedicaram à tarefa de mapear a sintaxe de línguas V2 medievais, como os estudos de Ribeiro (1995) para o português arcaico e Antonelli (2011a,b) para o português clássico. No universo desses estudos sobre o sistema V2 de línguas românicas medievais e seu tratamento à luz das estruturas reveladas pela Cartografia Sintática é digno de nota o estudo de Pinto (2020). O autor apresenta uma comparação entre a periferia esquerda dessas línguas e a das línguas não V2 a partir da proposta da cartografia das estruturas sintáticas de Rizzi (1997). De acordo com Pinto, línguas V2 possuem uma periferia esquerda não tão desenvolvida quanto as línguas não V2, em se tratando da relação entre a estrutura da informação e a sintaxe. Por isso, o sistema CP nos dois grupos seria composto por projeções diferentes.

Seguindo a análise de Julien (2009, 2010), Pinto relaciona o efeito V2 com força ilocucionária, não ao tipo de verbo da oração matriz. Por isso, para ele, é

falha uma proposta de explicação do fenômeno que se valha apenas da variação nos traços de FinP (cf. Roberts, 2004). É a presença de uma projeção ForceP, portando os traços [±selecionado; ±declarativo; ±assertivo], que asseguraria a subida do verbo para o domínio CP. Pinto então esboça a seguinte proposta para os dois tipos de línguas V2 — as rígidas e as não rígidas:

- (14) a. Periferia esquerda de línguas V2 rígidas. Verbo em Force*:
[Force*P... [FinP... [IP...]
- b. Periferia esquerda de línguas V2 não rígidas. Verbo em Fin*:
[ForceP... ([FrameP...]) [Fin*P... [IP...]
- c. Periferia esquerda de línguas não V2. Verbo em IP ou VP:
[ForceP... ([FrameP...]) ([TopP...]) ([FocP...]) [FinP... [IP...]
- (Pinto, 2020, p. 195)

Segundo Pinto (2020), línguas V2 teriam uma periferia esquerda "mais curta" do que a periferia de sistemas não V2. O movimento de constituintes para a periferia esquerda em línguas V2 seria decorrente de "uma restrição estrutural, não permitindo a ordem XP-S-V" (p. 195); já em línguas não V2, o movimento de constituintes para a periferia esquerda seria motivado por questões de estrutura informacional — as "questões discursivas" de que fala Pinto —, o que licenciaria a ordem XP-S-V. De acordo com essa proposta, as projeções ForceP e FinP estariam presentes em todas as línguas V2, enquanto FocP e TopP não se fariam presentes em nenhuma língua V2. FrameP, por outro lado, poderia compor a periferia de línguas V2 não rígidas — caso do islandês —, mas não poderia estar presente em línguas V2 rígidas — a exemplo do alemão e do holandês —, sendo que o que as diferencia é a força dos traços e o movimento dos constituintes (Pinto, 2020, p. 192).

Em linhas gerais, também Pinto (2020) recorre às hierarquias cartográficas — especialmente, no caso do trabalho de (2020) aqui resenhado, à hierarquia de CP — como um explanans para motivar as diferenças entre os sistemas V2 rígidos, de um lado, e não rígidos de outro. Na próxima seção, a sintaxe das

línguas V2 voltará a aparecer, dessa vez no que diz respeito ao movimento — ou à ausência de movimento — do V de I para C.

As produções sobre o sistema CP do PB contam com um notável acervo bibliográfico, bastante difícil inclusive de resenhar em sua completude, o que atesta a vivacidade do programa Cartográfico no país. Outros estudos cartográficos voltados à periferia esquerda do PB incluem, dentre outros, no âmbito da sintaxe das interrogativas e exclamativas, os trabalhos de Medeiros Júnior e Siero (2020) sobre as exclamativas-wh, Lima (2020), Lima e Tescari Neto (2020, 2023) também sobre as exclamativas-wh — embora esses últimos estudos não vinculem a sintaxe das exclamativas-wh exclusivamente ao sistema CP, conforme se verá na próxima seção —, Medeiros Júnior (2020) sobre sujeitos-wh em sentenças finitas, Rodrigues e Lunguinho (2019, 2021) sobre a gramaticalização e pragmatização de *capaz* em PB — num estudo que recorre a uma articulada estrutura de periferia esquerda no intuito de, com isso, capturar os valores pragmáticos de *capaz* —, Silveira (2020) — um estudo sobre construções de clivagem em PB (a autora inclusive recorre às hierarquias como um explanans para determinar a posição de categorias envolvidas em construções de clivagem) —, Sousa (2023) — sobre a sintaxe de *quando* e onde de *denegação* em PB (embora, como veremos na próxima seção, categorias de IP também participem da expressão da denegação por essas palavras-wh, conforme o estudo de Sousa) —, dentre outros. A Cartografia no Brasil começou, como vimos na *Introdução* e no início desta seção, com estudos voltados ao sistema CP, domínio frásico que continua ainda a atrair o interesse de estudantes e estudiosos, o que atesta todo o dinamismo das investigações sobre essa temática em Cartografia⁸.

⁸ Outras investigações sobre a periferia esquerda desenvolvida por estudiosos brasileiros que recorreram à Cartografia das Estruturas Sintáticas incluem, dentre outros, os trabalhos de Andrade e Galves (2019) e Galves (2020) que acrescentam, à periferia esquerda, a categoria de Contraste (K), deste modo contribuindo com o desenho de mapas para a estrutura da oração, no espírito do primeiro objetivo da Cartografia, qual elencado na *Introdução*.

Para além do sistema CP, o sistema de IP (ou Middlefield) também tem sido palco para explorações em Cartografia por estudiosos do Brasil. Muitos desses estudos recorrem às hierarquias postuladas em trabalhos dos Cartógrafos como um *explanans*, conforme discutido na próxima seção.

2 EXPLORAÇÕES CARTOGRÁFICAS EM IP

Embora os primeiros trabalhos sobre cartografia sintática no Brasil tenham se voltado a fenômenos estruturalmente vinculados à periferia esquerda — conforme exposto na seção anterior —, há uma série de trabalhos voltados ao domínio flexional (o “espaço IP”) ou Middlefield, trabalhos estes a explorarem sobretudo temas como a sintaxe dos advérbios, movimento de diferentes formas do (V)erbo e de categorias verbais (auxiliares, Vs “de reestruturação”, etc.), a posição (ou posições) do sujeito, dentre outros.

Se considerarmos os objetivos da Cartografia, quais expressos na *Introdução* (em 1-3), não há dúvidas de que a Cartografia brasileira tem contribuição ímpar quando se consideram os dois primeiros objetivos do programa: (i) o desenho de mapas dos mais variados domínios funcionais — a projeção do V, a do N, etc. — e (ii) o uso dessas hierarquias, uma vez reveladas pela pesquisa cartográfica, como um *explanans* para fenômenos sintáticos e de interface os mais diversos. Uma vez que o objetivo do presente trabalho é situar a produção brasileira em Cartografia Sintática considerando o que aqui foi apontado como “segundo objetivo do programa” (expresso em (ii)), limitamo-nos, nesta seção, a uma revisão sucinta de alguns dos trabalhos produzidos por cartógrafos do Brasil, trabalhos esses que, no espírito de (ii), recorrem à f-seq do Middlefield como um *explanans*.

O primeiro trabalho publicado no Brasil sobre a Cartografia de IP de que se tem notícia é, salvo engano, o artigo de Tosqui e Longo (2003). As autoras se voltam a um estudo dos advérbios modalizadores em PB, testando a sua posição

na estrutura sentencial. Tosqui & Longo concluem que a ordenação dos advérbios modalizadores de diferentes classes em PB é a mesma identificada na hierarquia universal de Cinque. No mesmo ano, foi publicada, na revista *Cadernos de Estudos Linguísticos* (UNICAMP), uma resenha, por Meira (2004), do livro de Cinque (1999). Para além do trabalho de Tosqui e Longo e desse por Meira, os estudos de Santanna (2005, 2007) também se voltam à hierarquia dos advérbios, testando a sua validade no PB. Santanna também realizou experimentos psicolinguísticos em sua tese de doutorado, corroborando, do ponto de vista do processamento, a validade da hierarquia dos advérbios em PB (cf. Santanna, 2010). Embora não recorram estritamente à hierarquia como um *explanans* — antes, voltam-se ao trabalho de Cinque testando as previsões de sua hierarquia em PB —, esses trabalhos têm o mérito de replicar os “experimentos” de Cinque (1999) ao PB o que, de um ponto de vista popperiano, confere importância às investigações da Cartografia, haja vista a possibilidade de falseabilidade das asserções a propósito das hierarquias cartográficas.

Revisamos, na sequência, algumas investigações sobre o domínio IP que recorrem às hierarquias como um *explanans*. Não se trata, contudo, de uma resenha exaustiva de todos os trabalhos em Cartografia Sintática, cuja bibliografia sobre o PB é felizmente bastante extensa. Para a exposição dos tópicos relativos à sintaxe de IP, seguiremos a sequência indicada no primeiro parágrafo desta seção. Os trabalhos a serem discutidos não são apresentados em ordem cronológica.

A sintaxe dos advérbios é um dos temas fundadores em Cartografia Sintática. Cinque (1999) — considerado, junto com Rizzi (1997), um dos trabalhos inauguradores da Cartografia — propõe uma teoria segundo a qual os advérbios ocupariam a posição de especificadores de núcleos funcionais semanticamente correspondentes. A ordenação observada entre as diferentes classes semânticas de advérbios é também observada entre os “núcleos funcionais” (auxiliares,

morfemas livres e presos, Vs funcionais (modais, aspectuais, de movimento, etc.). Os advérbios, então, rigidamente ordenados na estrutura sentencial, servem como diagnósticos para movimentos de outros constituintes, conforme veremos mais adiante nesta seção. A hierarquia universal de advérbios e núcleos funcionais é reproduzida na Fig. 1 — uma adaptação, por Bergamini-Perez (2019), da representação da hierarquia qual fornecida em Rizzi e Cinque (2016). Começemos com uma descrição deste trabalho por Bergamini-Perez.



Figura 1: A hierarquia dos advérbios e núcleos funcionais (Fonte: Rizzi; Cinque, 2016, p. 150, adaptada por Bergamini-Perez, 2019, p. 65)

Bergamini-Perez (2019) adere ao segundo objetivo da Cartografia ao recorrer à hierarquia dos advérbios de Cinque para diagnosticar as posições

potenciais que o adjunto de medida temporal 'em x tempo' (ex.: 'em dez minutos', 'em quinze minutos', etc.) pode vir a ocupar na estrutura sentencial⁹. As posições de linearização de 'em x tempo' em meio aos advérbios de Cinque dependem, conforme a descrição de Bergamini-Perez, da interpretação veiculada pelo adjunto. O adjunto 'em x tempo' veicula duas interpretações possíveis em PB, nomeadamente as interpretações télica e incoativa (cf. Bergamini-Perez, 2023), de que são exemplos as sentenças a seguir.

(15) O mecânico trocou o pneu da moto em 20 minutos.

(16) O mecânico em 20 minutos trocou o pneu da moto.

(Bergamini-Perez, 2019, p. 66-67)

Na posição *default*, i.e., em posição final (15), 'em 20 minutos' se associa a uma interpretação télica, precisando o tempo que levou para o evento “trocar o pneu da moto” atingir o seu fim. A sentença em (16), em que o adjunto se posiciona à esquerda do predicado, é ambígua. Assim, para além da possibilidade da leitura télica — a mesma observada em (15) —, outra leitura é possível para (16), a saber, a incoativa: levou vinte minutos para o mecânico iniciar a troca do pneu. Os dados em (15) e (16), contudo, não fornecem pistas precisas relativamente às alturas mínimas e máximas potenciais — considerando-se a hierarquia sentencial — onde cada uma dessas duas interpretações podem vir a ser veiculadas. Bergamini-Perez então recorre à hierarquia de Cinque para precisar essas alturas mínimas e máximas de 'em x tempo' em vista desses dois sentidos expressos pelo adjunto de medida. Por questões de espaço, não reproduziremos, aqui, todos os dados de Bergamini-Perez (2019) envolvendo a combinação de 'em 20 minutos' com diferentes advérbios de Cinque. Limitamo-nos a apresentar o teste com um advérbio baixo, 'obrigatoriamente' (Mood_{Obligation}) (17), e com um advérbio alto,

⁹ A hierarquia universal foi também objeto de investigação em Tescari Neto (2008), em seu estudo sobre os advérbios aspectuais habituais.

'provavelmente' ($\text{Mod}_{\text{Epistemic}}$) (18) — dados de Bergamini-Perez (2019, p. 67-68). Remetemos o leitor aos trabalhos de Bergamini-Perez (2019, 2023) para dados envolvendo a testagem junto a outros advérbios. (17) e (18) mantêm os advérbios 'obrigatoriamente' (17) e 'provavelmente' (18) em uma posição fixa, a de soldagem externa — que corresponde à posição desses advérbios na hierarquia de Cinque — e sugerem o movimento do adjunto de medida temporal 'em 20 minutos' por diferentes posições da estrutura.

- (17) a. O mecânico obrigatoriamente trocou o pneu da moto em 20 min.
b. O mecânico obrigatoriamente trocou em 20 min o pneu da moto.
c. O mecânico obrigatoriamente em 20 min trocou o pneu da moto.
d. O mecânico em 20 min obrigatoriamente trocou o pneu da moto.
e. Em 20 min o mecânico obrigatoriamente trocou o pneu da moto.
- (18) a. O mecânico provavelmente trocou o pneu da moto em 20 min.
b. O mecânico provavelmente trocou em 20 min o pneu da moto.
c. O mecânico provavelmente em 20 min trocou o pneu da moto.
d. O mecânico em 20 min provavelmente trocou o pneu da moto.
e. Em 20 min o mecânico provavelmente trocou o pneu da moto.

De acordo com Bergamini-Perez, não há mudança nas interpretações télica e incoativa para o adjunto de medida temporal em (17). Isso significa que a posição de soldagem externa do adjunto de medida temporal 'em x tempo' é necessariamente mais baixa do que $\text{Mood}_{\text{Obligation}}$. De fato, conforme a descrição do autor, esse sintagma de medida temporal é externamente soldado na posição de especificador do circunstancial temporal na hierarquia de Schweikert (2004) e Cinque (2006), hierarquia esta posicionada, considerando-se a sequência funcional da projeção estendida do verbo, abaixo da hierarquia dos advérbios de Cinque (1999) — cf. Fig. 2, de Bergamini-Perez (2023).

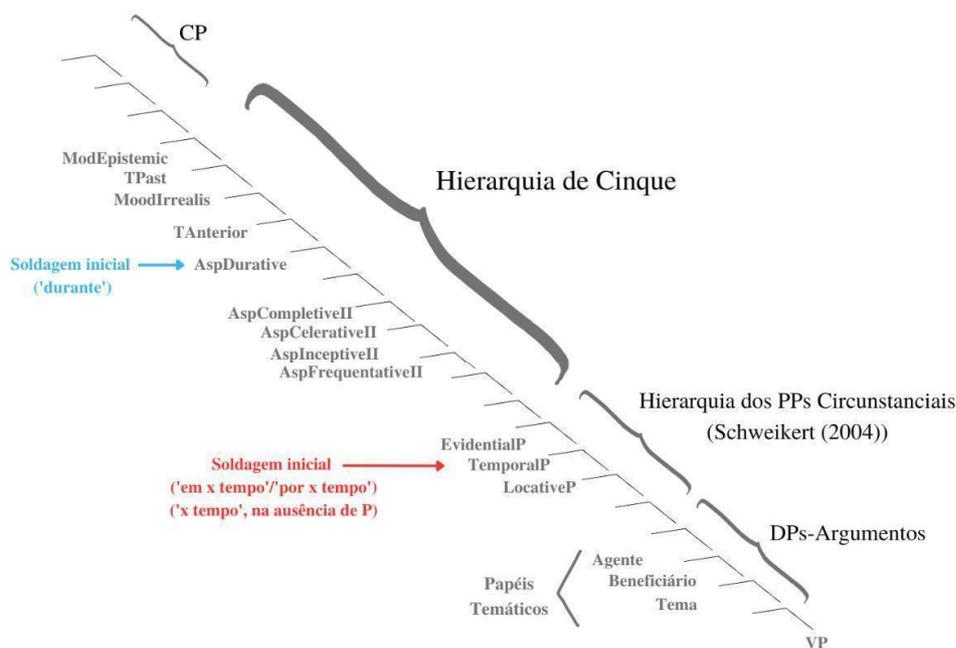


Figura 2: Representação simplificada das projeções da sequência funcional (f-seq)
(Fonte: Bergamini-Perez, 2023, p. 100)

Já os dados em (18) permitem notar uma mudança interessante na interpretação. (18d,e) reforçam a interpretação incoativa, com um desvanecimento da interpretação télica. Isso significa que o adjunto 'em 20 minutos', caso suba por sobre 'provavelmente', já não desencadeia a interpretação télica, que se mantém, contudo, nas sentenças em (18a,b,c). A análise de Bergamini-Perez, ao considerar a hierarquia de IP, mostra haver alturas-limite, na estrutura sentencial, para as interpretações veiculadas pelos adjuntos. Numa perspectiva de mapeamento direto das estruturas da Narrow Syntax aos sistemas de interface — no caso, em questão, ao sistema conceitual-intencional —, assunção cara à Cartografia (cf. Rizzi, 2013, Tescari Neto, 2022a), os dados sugerem que as duas interpretações, sobretudo a télica, são de fato sensíveis à altura do adjunto de medida temporal, o que é diagnosticado pelos advérbios de Cinque, *exemplo claro, portanto, do aproveitamento da hierarquia como um "explanans"*.

Há outros trabalhos em Cartografia que, de maneira semelhante a Bergamini-Perez (2019), recorrem aos advérbios para diagnosticar a altura a que podem chegar constituintes soldados em *vP/VP* na estrutura da sentença. Assim, Kriek (2022) recorre também, mas não exclusivamente, a advérbios como diagnósticos para determinar as posições da hierarquia sentencial acionadas em estruturas de duplicação de sujeito em PB (ver também Kriek, 2021)¹⁰. Na mesma linha, Reis (2022) — trabalho sobre o qual voltaremos a falar no fim da seção — também recorre a advérbios para identificar a posição última de sujeitos locativos pré-verbais em PB, i.e., a posição de linearização de SubjP quando o sujeito é um locativo.

Outro trabalho que recorre à hierarquia dos advérbios de Cinque como um *explanans* é o de Sousa (2020). A autora revisita um outro trabalho, também cartográfico, de Guessier, Sousa e Kédochim (2019a), que estudam o adjunto 'como assim' nos casos em que veicula incredulidade. As autoras haviam argumentado que 'como assim' de incredulidade, em sentenças como (19), a seguir, se soldaria externamente na periferia esquerda, mais precisamente em Spec,IntP de Rizzi. Uma vez que a interpretação de incredulidade se associa à modalidade mirativa — que, segundo Cinque (1999) e Tescari Neto (2013) (ver também Bross (2019) e Bross e Fraser (2020)), se localiza acima da modalidade evidencial e abaixo da do ato de fala, em IP — e à evidencial, Sousa combina 'como assim' de incredulidade com advérbios mirativos e evidenciais para concluir que o adjunto 'como assim' é soldado externamente em posição alta, mas ainda em IP, não em CP. A possibilidade de coocorrência de 'como assim' de

¹⁰ O comportamento do pronome resumptivo nas estruturas de redobro do sujeito foi investigado por Kriek (2021, 2022), levando em conta a proposta de tripartição pronominal de Cardinaletti e Starke (C&S, 1994). A autora aplica os mesmos testes realizados por C&S, propondo, a partir dos resultados obtidos, que os pronomes fortes ocupam Spec, SubjP, retomando o sujeito topicalizado no domínio CP, enquanto os pronomes fracos figuram em Spec, TP, retomando o sujeito em SubjP. Isso explica por que não é possível ter uma construção de redobro com sujeito e pronome forte em posição argumental, já que os dois estão em distribuição complementar. Apenas pronomes fracos ou pronomes clíticos podem retomar o sujeito não-topicalizado nas sentenças de redobro.

incredulidade com a negação (cf. 19) apenas permite concluir que este adjunto deve ser soldado externamente acima da posição da negação sentencial, não necessariamente em CP.

- (19) Como assim o governo não se preocupa com os casos de covid-19? (Que terrível!)
(Sousa, 2020, p. 93)

Sousa lança então mão do expediente da coocorrência de 'como assim' com advérbios dotados dos traços mirativo e evidencial, respectivamente 'surpreendentemente' e 'evidentemente', e outros cujos traços não estejam envolvidos na derivação de uma sentença com 'como assim' de incredulidade, para, então, confirmar não só que os traços evidencial e mirativo estão presentes na derivação de sentenças envolvendo o 'como assim' de incredulidade como também para argumentar que a posição de soldagem externa desse adjunto é na porção alta de IP, nomeadamente em $\text{Spec, Mood}_{\text{Evidential}}\text{P}$. Assim, ao passo que um advérbio avaliativo (*(in)felizmente*), em (20), pode coocorrer com o adjunto 'como assim' de incredulidade em (20a) — atestando, portanto, que o traço [avaliativo] não está envolvido na derivação de uma sentença envolvendo o 'como assim' de incredulidade —, um advérbio mirativo ('surpreendentemente', em (20b)) ou evidencial ('evidentemente', em (20c)) não podem concorrer com 'como assim' de incredulidade justamente pelo fato de esse adjunto, em seu movimento à periferia esquerda, ter de valorar, antes de lá chegar, traços respectivamente nas projeções de especificador de $\text{Mood}_{\text{Mirative}}$ e $\text{Mod}_{\text{Evidential}}$, posições essas ocupadas, em (20b,c), respectivamente pelos advérbios 'surpreendentemente' e 'evidentemente'.

- (20) a. Como assim (in)felizmente o presidente está com covid?
b. *Como assim surpreendentemente a Maria tá grávida?
c. *Como assim evidentemente o presidente pegou covid?

Seguem uma metodologia similar os trabalhos de Lima (2020) e Lima e Tescari Neto (2020, 2023) — que identificam, pelo mesmo expediente da coocorrência, as categorias envolvidas na derivação de exclamativas *wh* —, Souza de Paula (2022) — que argumenta em favor de uma análise segundo a qual as diferentes classes de orações adverbiais são soldadas no especificador das categorias semanticamente correspondentes na hierarquia de Schweikert (2004)/Cinque (2006) —, Sousa (2023) — que estuda as categorias envolvidas na derivação de interrogativas-*wh* de denegação (encabeçadas por *onde que* e *quando que*) — e Tescari Neto, Bergamini-Perez e Lima (2024) — que oferecem um estudo mais amplo do uso dos advérbios como diagnósticos dos traços envolvidos quando uma estrutura é construída¹¹⁻¹².

¹¹ Os trabalhos indicados nesta seção foram produzidos no âmbito das investigações pelo grupo de pesquisa do LaCaSa/IEL-UNICAMP.

¹² Ainda no âmbito da sintaxe adverbial, há uma série de outros trabalhos com objetivos variados: testagem da hierarquia universal (cf. os trabalhos citados no terceiro parágrafo desta seção), investigações em Linguística Clínica no estudo de déficits junto a certas categorias aspectuais (Lourençoni, 2023), estudos sobre as relações de escopo entre advérbios combinados tanto na ordem hierárquica quanto em ordens que violam a hierarquia (cf. Tescari Neto, 2019; Alves, 2022) e estudos sobre propriedades sintáticas dos advérbios, como Tescari Neto (2022b). Nesse último trabalho, o autor recorre a dados sobretudo do PB para argumentar que não existem advérbios de sentença. No melhor dos mundos possíveis, o que sintaticistas e semanticistas chamam de “advérbios de sentença” é tão somente um epifenômeno: alguns advérbios altos — como o ‘provavelmente’ em (i) — figuram como sentenciais por tomarem o conteúdo proposicional sob seu escopo, conforme sugerido pela paráfrase em (i’):

- (i) João *provavelmente* esqueceu a chave do carro.
(i’) É provável que João tenha esquecido a chave do carro.

Contudo, ocorrências como (ii), em que o advérbio não tem escopo sob o conteúdo proposicional, lançam de imediato dúvidas sob essa classificação: “advérbios de sentença”.

- (ii) João esqueceu *provavelmente* a chave do carro (, não a da moto).

O autor, então, apresenta um conjunto de testes tradicionalmente evocados por sintaticistas e semanticistas para identificar como sentenciais um grupo de advérbios (os que ocupam posições altas na hierarquia de IP). Na verdade, o que os testes identificam não é propriamente o escopo do advérbio (se a sentença, se constituintes sentenciais), mas, antes, a sua posição na hierarquia da oração: se alta ou baixa. A conclusão a que o trabalho chega é a de que os testes não identificam se um advérbio é sentencial ou de constituinte; antes associam uma posição na hierarquia da frase a um comportamento qual exibido pelos testes. Nesse sentido, as hierarquias se revelam como

Sempre no espírito de tomada das hierarquias como um *explanans* há um conjunto de trabalhos, pela cartografia brasileira, sobre movimento do V. Tescari Neto (2013, 2020, 2022a,c) recorre aos advérbios da hierarquia de Cinque para verificar as alturas de movimento obrigatório e opcional do V bem como a posição acima da qual o V não pode subir mais. Estando os advérbios fixos na estrutura (Pollock, 1989), eles são bons diagnósticos para a subida de V. Os dados abaixo ilustram que o V finito deve se mover obrigatoriamente por sobre o advérbio de aspecto frustrativo 'à toa' (21b) e, em virtude da restrição sobre o movimento nuclear (Travis, 1984), por sobre os advérbios c-comandados por 'à toa' (cf. 21c-f). O advérbio que imediatamente c-comanda à toa, a saber, o advérbio Mood_{Obligation} *obrigatoriamente*, não precisa ser ultrapassado pelo V (21a). Isso significa que o movimento é obrigatório até por sobre *em vão*. Os dados são de Tescari Neto (2018, p. 36).

- (21) a. O João (obrigatoriamente) fará (obrigatoriamente) o seu trabalho
 b. O José *(à toa) fez (?à toa) seu trabalho (à toa)
 c. O João (*completamente) acabou (completamente) seu trabalho (completamente). (*Asp_{Sing}Completivo*)
 d. O João (*tudo) fez (tudo) com paciência (*Asp_{Pl}Completivo*)
 e. O João (*fluentemente) fala (fluentemente) francês (fluentemente) (*Voz*)
 f. O João (*cedo) acordou (cedo) (*Asp_{Acelerativo}(II)*)

Advérbios são, portanto, diagnósticos para o movimento do V e de outros constituintes. Ao explorar os advérbios da hierarquia de Cinque como diagnósticos da subida do V, assume-se a hierarquia de IP ou f-seq como um *explanans*, capaz de precisar as alturas aonde uma forma verbal e distintas formas verbais deve(m)/pode(m) subir¹³.

um *explanans* no sentido dos epistemólogos: no caso em questão, uma zona do espaço IP é associada a um determinado comportamento, revelado por um conjunto de testes.

¹³ Veja-se Tescari Neto & Forero (2020) que comparam as alturas do movimento do V finito e infinitivo em PB e em espanhol colombiano. Tescari Neto (2022c) mostra que o verbo finito sobe mais no português angolano do que no moçambicano: na verdade, o verbo pode subir por sobre todos os advérbios da hierarquia no angolano, o que se faz diagnosticar não só pela ordem V-

Ainda sobre a importância dos advérbios numa teoria de gramática — sobretudo inclusive no tocante a seu uso como diagnóstico para a subida do verbo —, Tescari Neto (2022a), ao revisitar o trabalho de Cinque (2004), explica que a hierarquia universal oferece ao analista a possibilidade de vislumbrar um contínuo de variação entre línguas muito aparentadas — as línguas românicas descritas no trabalho — no que diz respeito às diferentes alturas que o V finito pode (vir a) ocupar, em cada língua específica, entre os advérbios hierarquicamente ordenados. A fixação dos parâmetros, em consonância com os dados da experiência, se traduziria, se pensarmos no movimento do V, nas diferentes alturas (demarcadas por advérbios de classes semânticas distintas) a serem ocupadas pelo V em cada língua em particular¹⁴. Nesse contexto, há que se mencionar a importância do Programa Cartográfico, sobretudo de suas hierarquias, à explanação teórica de fenômenos de mudança pela Linguística Diacrônica. Muitos trabalhos em Linguística Diacrônica também têm recorrido às sequências funcionais cartográficas para a explanação de fenômenos de mudança (fato já mencionado na seção anterior).

Assim, no âmbito da teoria do movimento do V, p.ex., vale mencionar os trabalhos de Antonelli (2011a,b) e Pinto (2011), ambos do grupo de pesquisa Tycho Brahe, da UNICAMP. A tese de Antonelli (2011a) recorre à subida do V para explicar a ordem V2 no PE anterior ao século XVIII; assim, até o fim do século XVII, o PE exibia movimento do V à periferia esquerda para dar conta dos traços de Fin. O autor lança mão da representação de Rizzi (1997) para derivar a ordem V2 daquela fase do português, ordem que foi perdida a partir do século XVIII. Também o espanhol antigo exibiu a ordem V2 característica de sincronias

Adv_{alto}-objeto como também por construções de elipse de VP, que recuperam, em angolano mas não em moçambicano, o advérbio alto na lacuna da elipse.

¹⁴ Outras formas verbais, para além do V finito, têm também sido objeto de interesse dos cartógrafos brasileiros. A sintaxe dos verbos modais e aspectuais se insere também no conjunto de investigações que testam a validade das hierarquias, desta vez ao PB, p.ex. Vejam-se, a esse respeito, os trabalhos de Rech (2011a,b).

pretéritas das línguas românicas; segundo Pinto (2011, cap. 3), o espanhol antigo contava com movimento do V a C⁰, o que garantia a ordem V2, movimento este que se perdeu no espanhol contemporâneo, onde o V se move a I⁰ e não mais a C⁰.

Por fim, trabalhos sobre a sintaxe do sujeito também têm recorrido às hierarquias como um *explanans*. As hierarquias cartográficas, seja a de IP — cujos diagnósticos são os advérbios alocados em distintos especificadores rigidamente ordenados no middlefield —, seja a de CP, permite ao analista determinar a posição (inclusive a de linearização) de diferentes tipos de sujeito. As análises cartográficas apontam diferentes posições estruturais dentro do domínio flexional: de um lado, uma posição que recebe o sujeito gramatical; de outro lado, uma posição que recebe o sujeito lógico da sentença. O *middlefield* passa, então, a ser composto por projeções independentes que correspondem a traços distintos (cf. Cardinaletti, 1997, 2004, 2014; Rizzi; Shlonsky, 2007).

De acordo com Cardinaletti (2014), o sujeito pré-verbal pode ser gramatical, checando, neste caso, traços-phi, e também ser semântico, checando o traço sujeito da predicação. Nem sempre o sujeito checará esses dois casos. Belletti e Rizzi (1988), por exemplo, mostram, para o italiano, que complementos dativos de verbos psicológicos podem ocorrer na posição reservada ao sujeito, respondendo a uma interrogativa-Wh, um contexto típico de foco de informação (foco este que, como mencionado na seção anterior, não envolve deslocamento para CP), conforme (22), a seguir.

- (22) a. A chi piace questo disco?
 ‘A quem agrada este disco?’
 b. A Gianni piace.
 ‘Ao João agrada’

Para Cardinaletti (2004), o movimento do dativo *A Gianni* ocorre para que a checagem do traço sujeito da predicação seja realizada. Esse movimento não

resulta da checagem de caso nominativo, nem de algum traço de concordância. Dessa forma, a autora propõe que esses traços são checados em projeções funcionais distintas: [SubjP], [AgrSP] e [TP]. A primeira responde pelo sujeito da predicação, não se restringindo a DPs, enquanto as duas últimas são responsáveis pelos traços-phi: [AgrSP] pela concordância, e [TP] pelo caso nominativo.

A divisão dentro do domínio flexional tem a vantagem de dissociar a propriedade semântica de 'ser o sujeito da predicação' da checagem de caso nominativo, que deve ser realizada por DPs. Cardinaletti (2004) aponta que esta divisão vai ao encontro da proposta segundo a qual o caso estrutural, ao contrário do caso inerente, não tem importe semântico. De acordo com essa abordagem, as posições do sujeito estão localizadas no middlefield, abaixo de FinP, do CP-articulado de Rizzi (1997), como vemos em (23).

(23) [COMP ForceP TopP* FocusP FinP [INFL SubjP AgrSP TP ... [VERB VP]]]

O PB, assim como o italiano, também apresenta situações nas quais o movimento para a posição de sujeito não está associado a caso ou concordância. De acordo com Quarezemin (2017, p. 211), nas sentenças copulares a concordância pode ser realizada com o DP pós-verbal, sendo que o DP pré-verbal não aparece deslocado na periferia esquerda da sentença, como em (24).

- (24) a. A causa da revolta são João e Maria.
b. O motivo do tumulto são os políticos corruptos.
c. A alegria dos pais são os filhos.

A autora ainda associa o movimento dos PP locativos para a posição pré-verbal, como observamos em (25), à checagem do traço "sujeito da predicação"; nesse sentido, Spec,Subj seria especializada para a valoração desse traço, reservando-se a valoração dos traços-phi a Spec,TP.

- (25) a. Naquela loja vende livros.
b. No meu computador imprime fotos.
(cf. Quarezemin, 2017, p. 211)

Quarezemin e Cardinaletti (2017) dissociam o movimento do PP locativo da checagem de traços-phi, distanciando-se assim de uma abordagem sincrética de IP, segundo a qual tanto os traços de sujeito da predicação quanto os phi seriam checados (ou valorados) numa mesma posição: Spec,TP. O argumento oferecido pelas autoras para uma dissociação entre as posições de Spec,Subj e Spec,TP é o seguinte: PPs locativos podem figurar em posição sentencial final sem comprometimento da gramaticalidade das frases, conforme atestado em (26), a seguir.

- (26) a. Vende livros naquela loja.
b. Imprime fotos no meu computador.
(cf. Quarezemin, 2017, p. 211)

As autoras também observam que as sentenças com o PP locativo em posição pré-verbal têm propriedades distintas das sentenças com DP locativo em posição de sujeito. As primeiras se caracterizam por uma natureza impessoal (cf. (27a), a seguir), o que não é observado nas últimas (cf. (27b)). Essa diferença pode ser observada pela coocorrência com a partícula 'se', que pode figurar em (27a) — que apresenta um PP em posição de sujeito —, mas não em (27b) — que tem um DP naquela posição:

- (27) a. Naquela loja vende-se livros.
b. *Aquela loja vende-se livros.
(adaptado de Quarezemin, 2017)

Por fim, Quarezemin e Cardinaletti recorrem ao teste da extração-Wh (cf. (28)), no intuito de argumentar que a posição ocupada pelo PP locativo não é uma

posição do tipo A-barra, mas uma posição-A. Se e sentenças com sujeitos expressos por PPs locativos fossem A-barra, (28) não seria bem-formada:

(28) O que ele disse que no meu computador imprime?

Se a posição do PP *no meu computador* fosse de natureza A-barra, o PP induziria um efeito de interferência na passagem da expressão-Wh *o que* para uma posição no domínio CP, violando, assim, a Minimalidade Relativizada (cf. Rizzi, 1990).

Levando em consideração as propriedades das sentenças com PP locativo pré-verbal apresentadas, Quarezemin e Cardinaletti (2017) propõem que o PP locativo figura em Spec,SubjP, como vemos em (29).

(29) [SubjP No meu computador_i [TP *pro*_{genérico} imprime/imprimem [vP t_i fotos]]]

O que diferencia essas sentenças daquelas com DP locativo é que o PP não passa por Spec,TP; essa posição é preenchida por um *pro* do tipo genérico. Quanto ao local de soldagem externa do PP, Reis (2022) propõe, seguindo análise de Cinque (2006), que o locativo é primeiramente soldado na posição referente aos PPs circunstanciais, na área acima de *vP*, conforme a representação sugerida pela Fig. 3.

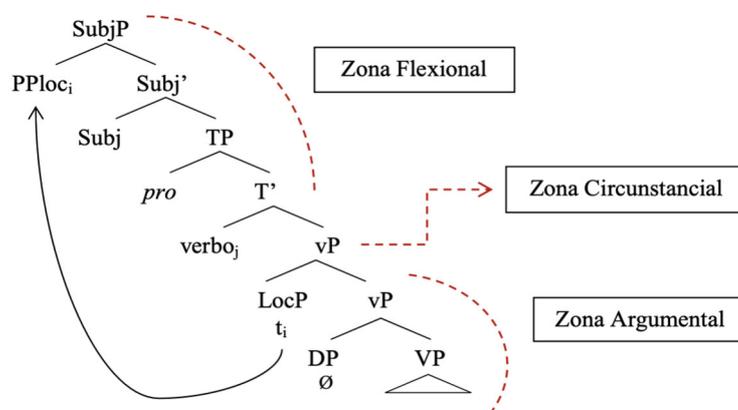


Fig. 3: Da posição de soldagem externa do PP locativo – Fonte: Reis (2022, p. 145)

De acordo com a análise apresentada no estudo de Reis (2022), os circunstanciais são candidatos-alvos a ocupar Spec,SubjP devido à possibilidade de apagamento do argumento externo nessas sentenças, conferindo a elas uma interpretação impessoal. A propriedade de ‘ser o sujeito da predicação’ caracteriza o PP como o constituinte a partir do qual se apresenta um evento, é o modificador de todo o evento verbal (cf. Carvalho, 2018).

O PB também apresenta o redobro do sujeito em posição pré-verbal, analisado por alguns autores como casos de topicalização, estando o DP sujeito em uma posição na periferia esquerda da sentença (cf. Pontes, 1987; Duarte, 1995, 2000). Contudo, diferentemente da topicalização de objeto, por exemplo, as sentenças com sujeito duplo podem figurar como respostas em contextos de foco amplo, conforme sugerido em (30), a seguir.

- (30) a. O que aconteceu na universidade? Está tudo parado!
b. Os professores eles estão em greve.
c. As aulas elas foram canceladas.

Esse contexto não é compatível com estruturas tópico-comentário, o que indica que nem sempre o redobro equivale ao deslocamento do sujeito para o domínio CP. Além disso, a duplicação também pode ocorrer em sentenças com anáforas, que precisam ser vinculadas dentro do mesmo domínio de regência, como observado por Silva (2006) e sugerido pelo exemplo em (31):

- (31) Os professores_i eles_i discutiram uns com os outros_i.

Outra propriedade deste tipo de sentença, que vai contra análises que assumem o sujeito em CP, é o fato de o sujeito duplo não criar nenhum efeito de minimalidade relativizada em um contexto de extração da expressão-Wh (Quarezemin, 2020a, p. 126), conforme atestado por (32a).

- (32) a. Onde o Pedro acha que a Ana ela encontrou o João?
 b. *Onde o Pedro acha que o João a Ana (ela) encontrou?

O contraste acima decorre do fato de que em (32b) o deslocamento do complemento 'o João' provoca efeito de minimalidade na extração da expressão-Wh. Segundo Quarezemin (2019, 2020), o redobro não deve ser sempre associado ao deslocamento do sujeito para uma posição no domínio CP. A autora advoga que há dois tipos de redobro no PB: um com pronome forte e sujeito tópico na periferia esquerda, e outro com pronome fraco e sujeito em posição argumental. No último caso, o sujeito ocupa Spec,SubjP, sendo o pronome fraco a realização do núcleo Subj (segundo o que Rizzi (2018b) propôs para o clítico sujeito 'el' de dialetos do norte da Itália, como o caso do Conegliano/Vêneto), conforme sugerido pela estrutura em (33).

- (33) [SubjP Os professores_i [Subj eles [TP t_i [T' brigaram uns com os outros]]]]

Longe de se pretender exaustiva, a presente seção, que abordou trabalhos em cartografia de IP que recorrem à hierarquia do middlefield como um *explanans* no sentido dos epistemólogos, dá uma ideia da vivacidade do programa entre os estudiosos do Brasil. Por limitações de espaço, não foi possível revisar — até mesmo porque a bibliografia sobre o assunto é por demais extensa — todos os trabalhos que tomam a sequência funcional do middlefield como um *explanans* para fenômenos os mais distintos¹⁵. A seção, no entanto, buscou demonstrar o papel fundamental do Programa Cartográfico na explanação em Teoria e Análise Linguística: a hierarquia universal do middlefield se revela como importante ferramenta no âmbito da adequação explanatória.¹⁶

¹⁵ Investigações sobre a sintaxe do middlefield têm atraído o interesse de vários estudiosos brasileiros, o que atesta o vigor da área no país. Vejam-se, por exemplo, os trabalhos de Forero (2020), Martins e Rodrigues (2023), Alves (2022), Sant'anna, Martins e Gomes (2022), Wechsler (2023), Masetto e Conde (2023), Alves e Martins (2023), dentre outros.

¹⁶ Sobre cartografia e adequação explanatória, veja-se Tescari Neto (2022a, seção 2).

3 EXPLORAÇÕES CARTOGRÁFICAS EM *vP/VP*

Vimos na seção 1, sobre a periferia esquerda da sentença, que o domínio alto da estrutura sintática está relacionado ao movimento-A' dos constituintes que devem satisfazer algum critério com propriedades discursivas e de escopo. Algumas línguas permitem ou requerem que sintagmas com traços criteriais permaneçam dentro do domínio IP, gerando várias construções *in situ*. A partir desta observação, uma periferia baixa foi proposta para codificar propriedades como aquelas expressas pelas posições na periferia esquerda da sentença, como tópico e foco, por exemplo. Essa periferia baixa pode ser associada ao *vP*; portanto, as duas periferias são associadas aos dois nós CP e *vP*, que definem as fases (cf. Chomsky, 2001). É pressuposto nos trabalhos da Cartografia que a estrutura sintática é mapeada — uma vez valorados (por Soldagem externa e interna) os traços das categorias da *f-seq* — aos sistemas de interface PF e LF que leem diretamente o output de uma computação sintática. Essa é também a assunção de Belletti (2001, 2004) em seus trabalhos sobre a periferia baixa. Nesse sentido, os constituintes focalizados e topicalizados *in situ* devem também preencher posições específicas de Foco e Tópico, respectivamente, para que possam ser devidamente interpretados. As interpretações destes constituintes é resultado da relação que se estabelece entre o núcleo das categorias de Foco e/ou Tópico e o constituinte em seu especificador, de maneira similar ao que ocorre na periferia de CP (cf. Quarezemin, 2009, p. 25). (34), a seguir, é o extrato da hierarquia de *vP* por Belletti (2001, 2004):

(34) [TP ... [TopP ... [FocP ... [TopP ... [vP]]]]]

Duas situações são observadas por Belletti (2001, 2004) ao propor a periferia de *vP*. De um lado, a relação entre o sujeito pós-verbal e os advérbios baixos em

italiano, como em (35), e de outro lado, as construções com itens de polaridade negativa (IPN), como em (24).

- (35) a. ?Capirà completamente Maria.
Comprenderá completamente Maria
'M. vai compreender completamente'
- b. ?Capirà/spiegherà bene Maria (al direttore).
Comprenderá/explicará bem Maria (ao diretor)
'M. vai compreender/explicar bem (ao diretor)'
- c. *Capirà/spiegherà Maria completamente (al direttore).
Comprenderá/explicará Maria completamente (ao diretor)
'M. vai compreender/explicar completamente (ao diretor)'
- d. *Capirà/spiegherà Maria bene (al direttore).
Comprenderá/explicará Maria bem (ao diretor)
'M. vai compreender/explicar bem (ao diretor)'

(Belletti, 2004, p. 19)

A autora verifica que o sujeito pós-verbal focalizado não pode aparecer antes do advérbio baixo (cf. (35)), o que significa que deve ter uma posição compatível com o seu traço foco abaixo do advérbio.

Em se tratando das sentenças com IPN e sujeito pós-verbal focalizado, Belletti observa que o sujeito deve permanecer interno a IP — sem ulterior movimento para o domínio CP —, a fim de estabelecer a relação de c-comando esperada entre a negação e o IPN:

- (36) a. Non parlerà alcun linguista.
Não falará qualquer linguista
'Nenhum linguista vai falar'
- b. *Alcun linguista non parlerà.
Qualquer linguista não falará

(Belletti, 2004, p. 23)

A autora ainda observa que mesmo que a derivação contasse com o movimento remanescente de IP, caso o sujeito focalizado estivesse em uma posição alta de foco, a relação de c-comando não seria estabelecida.

(37) [TopP [IP Non parlerà] [FocP alcun linguista [t_{IP}]]]

Para que a relação de c-comando se estabeleça, o sujeito deve checar o seu traço de foco em uma posição criterial baixa, como indicado em (38).

(38) [IP [I Non parlerà] [FocP alcun linguista...]]

As posições de foco e tópico na periferia de *v*P também foram objeto de investigação no PB. Quarezemin (2009, 2012, 2020a) propõe que tanto o sujeito quanto o objeto interpretados como foco de informação figuram em uma posição baixa na estrutura, uma vez que um constituinte que porta um traço discursivo deve estar em uma configuração de checagem local com o núcleo funcional específico, a fim de codificar o traço correspondente (cf. Cruschina, 2012).

O foco de informação aparece em contextos de pergunta-resposta, como em (39). Observe — pelo contraste entre a gramaticalidade de (39b), com objeto *in situ*, e a agramaticalidade de (39c), com o objeto deslocado — que os falantes de PB não respondem uma pergunta sobre o objeto deslocando-o para uma posição alta.

- (39) a. O que a Maria comprou?
b. A Maria comprou [_F um livro].
c. *[_F Um livro] a Maria comprou.

Em PB, o objeto no domínio CP não está associado apenas à informação nova. Necessariamente envolve contraste/correção, tanto que não podemos responder uma interrogativa-Wh com uma sentença OSV (veja-se a malformação de (39c)).

Segundo Quarezemin (2020), considerado o conjunto de línguas românicas — italiano, espanhol, PE, inglês e francês —, não há grandes diferenças no que diz respeito à focalização do objeto. Falantes dessas línguas fazem uso da posição mais encaixada da sentença para focalizar

informacionalmente o objeto. Nesses casos em que se faz uso da ordem SVO com objeto focalizado, há ainda assim movimento do objeto para a posição de especificador de Spec,Foc na periferia baixa.

Com relação ao sujeito, as línguas variam quando se trata do foco de informação. As línguas que permitem maior flexibilidade na ordem de palavras, como o italiano e o PE, tendem a manter o sujeito em posição pós-verbal, um caso de inversão livre. As línguas que não dispõem deste mesmo recurso recorrem a outras estratégias de focalização do sujeito que não porta traço de contraste. Belletti (2009) mostra que os falantes do francês recorrem às sentenças clivadas para focalizar o sujeito informacionalmente; a mesma situação foi verificada por Guessier (2007) para o PB.

A periferia *vP* também é acionada em construções com um tópico à direita, como é o caso das sentenças com redobro pronominal na posição mais encaixada, conforme ilustram os exemplos em (40), a seguir.

- (40) a. Ela é abusada ela.
b. Ele tá pagando de doido ele.
c. Tu tava pra onde tu?
d. Nós, cariocas, fazemos sempre isso, nós!

(D'Almeida, 2024)

Em todos esses casos, os pronomes se repetem no final da sentença, característica incompatível com o foco, que expressa informação não pressuposta. Segundo D'Almeida e Quarezemin (no prelo), esse tipo de redobro do sujeito caracteriza uma situação de tópico familiar (cf. Frascarelli; Hinterholz, 2007). Repare que (40a) pode ser "expandida" pelo acréscimo de um advérbio do tipo 'só' — comumente associado ao foco, e que ocupa uma posição medial na hierarquia sentencial (Tescari Neto, 2017) — tendo escopo por sobre o AP 'abusada', à exclusão de 'ela'. Tal configuração, em certa medida, ofereceria suporte à análise de D'Almeida e Quarezemin (no prelo) segundo a qual o pronome duplicado (a

segunda instância de 'ela') ocuparia a posição de tópico na periferia baixa (cf. (40a')). Para derivar (48a'), então, o pronome 'ela' (à direita) se moveria ao especificador de Top, seguido do movimento do AP 'abusada' para o especificador do foco baixo. Repare que, no mesmo espírito do que foi argumentado nas duas seções anteriores, o fato aqui exemplificado é explicado com base na utilização da hierarquia como um explanans: a posição do foco relativamente ao advérbio 'só' é usada como diagnóstico da posição do pronome 'ela', à direita.

(40) a'. Ela é só abusada ela.

Também os dados em (40b-d) podem receber explicação análoga relativamente à alocação do pronome redobrado à direita em Spec,Top na periferia baixa: pode-se focalizar um elemento que o precede, deixando o pronome "emarginado" em Spec,Top. Pode-se recorrer, para isso, p.ex., à estratégia de focalização por "sentenças-ser" (Quarezemin, no prelo), descritas a seguir. Pode-se focalizar, pela cópula que nucleia SelP (Shlonsky, 2023) — veja-se a descrição abaixo, a propósito dos dados em (49) —, um elemento que precede o pronome duplicado, à exclusão desse pronome, que acaba por figurar "emarginado" em Spec,Top na periferia baixa, conforme sugerem as representações simplificadas em (40'b-d), a seguir.

(40') b. Ele tá pagando é [Foc de doido [Top ele.
c. Tu tava é [Foc pra onde [Top tu?
d. Nós, cariocas, fazemos sempre é [Foc isso, [Top nós!

Os dados discutidos acima ilustram, mais uma vez, o uso das hierarquias como um explanans: as hierarquias uma vez reveladas — no caso, a posição do foco baixo — servem para identificar a posição de constituintes sentenciais — no caso, a posição do pronome reduplicado em Spec,Top.

Outro estudo que explora a expansão de *vP* em diferentes projeções funcionais é o de Kato (2020). A autora explora dois tipos de perguntas-in-situ, uma com entoação ascendente e outra com entoação descendente, levando em consideração o japonês, que também diferencia dois tipos de pergunta, a genuína in situ e a pergunta-eco.

- (41) a. O João comprou um livro? ↑ (pergunta sim/não: entoação ascendente)
 b. O João comprou o que? ↑ (pergunta-eco: entoação ascendente)
 c. O João comprou o que? ↓ (pergunta real in situ: entoação descendente)
 (Kato, 2020, p. 80)

Segundo Kato, a expressão-wh em (41c) sofre um movimento curto, não para a periferia esquerda da sentença, mas para a periferia do *vP*, na linha de Belletti (2004). A representação de (42) conta com o Operador S_2 em ForceP e com o elemento-wh na posição de Spec,FocP da periferia baixa.

- (42) [ForceP [S₂ [TP João viu-T [FocP o que [_{vP} João viu [_{vP} viu o que]]]]]]
 (Kato, 2020, p. 82)

A autora conclui que o PB de hoje exhibe aparentemente um movimento opcional. Nos casos de perguntas genuínas, a expressão-Wh in situ sofre um movimento curto para Spec,FocP na periferia de *vP*, enquanto nas perguntas-eco o Wh in situ permanece na posição temática.

A posição de foco na periferia de *vP* também é acionada nas sentenças em que a cópula "passeia" pela frase destacando constituintes, atuando como um focalizador, como acontece nas semi-clivadas ou pseudoclivadas reduzidas (cf. Mioto, 2012; Kato; Mioto, 2016). As ocorrências em (43) ilustram tais estruturas.

- (43) a. Eu quero é [proteger a magistratura dos bandidos infiltrados]
 b. Eu quero proteger é [a magistratura] (dos bandidos infiltrados).
 c. Eu quero proteger a magistratura é [dos bandidos infiltrados].

- d. Eu quero é [que a corregedoria proteja a magistratura dos bandidos infiltrados].

(Mioto, 2012, p. 291)

Observe que, nessas sentenças, a cópula está sempre no domínio de IP, por isso, este tipo de focalização é conhecido como *in situ*. Desta forma, a focalização por meio de 'ser como foco' não ocorre com constituintes deslocados na periferia esquerda da sentença, como em (44a), ou com o sujeito pré-verbal, como em (44b), nem com advérbios altos, como em (44c).

- (44) a. *Foi o João a Maria beijou.
b. *Foi o João vendeu este carro.
c. *É provavelmente o João vai chegar amanhã.

(Mioto, 2012, p. 292)

Novamente, o expediente em (44a-c) evidencia o espírito de muitos trabalhos em Cartografia produzidos no Brasil: o de recorrer às próprias hierarquias enquanto um explanans: no caso, para diagnosticar que a cópula está interna ao IP, conforme mencionado no parágrafo que antecedeu os exemplos em (44).

Quarezemin (no prelo) observa que novos fatos emergem quando se analisa a concordância entre 'ser' e o verbo finito. A partir da análise de dados retirados de redes sociais, a autora mostra que, diferentemente de algumas variedades do espanhol, como o espanhol colombiano — cujos dados relevantes são mostrados na sequência —, no PB o verbo 'ser' pode ter um valor de tempo independente do verbo finito.

- (45) A: Pensé que Antonio venía hoy.
B1: ok No, Antonio *vendrá será* mañana
B2: * No, Antonio *vendrá es* mañana¹⁷

(Méndez Vallejo, 2009, p. 24)

¹⁷ A: Pensei que o António vinha hoje.
B1: ok Não, o António vem amanhã.
B2: * Não, o António vem amanhã.

- (46) a. Eu queria é um sushi.
b. Eu queria era um sushi.

(Quarezemin, no prelo)

A independência temporal do verbo *ser* é uma evidência que fortalece a hipótese de que a sua ocorrência em algumas sentenças está relacionada a um processo de focalização, neste caso, na área baixa da estrutura, no domínio de *vP*. Quarezemin denomina essas ocorrências de 'sentenças-*ser*', diferenciando-as das sentenças pseudoclivadas. Mioto (2012, p. 296) verifica que esse tipo de construção também ocorre na presença de itens de polaridade negativa (IPN), como em (47a). A falta de c-comando na sintaxe visível barraria o licenciamento de IPNs, como pode ser observado em (47b).

- (47) a. O João não respeita é ninguém.
b. *Quem o João não respeita é ninguém.

A gramaticalidade de (47a) permite-nos concluir que *não* c-comanda o IPN *ninguém* na frase, o que evidencia que a sentença-*ser* não tem a mesma estrutura da pseudoclivada. Nestes casos, o papel do 'ser' é conectar o foco e a pressuposição, não tendo uma função predicativa, como ocorre nas pseudoclivadas.

Também é comum encontrarmos no PB sentenças como (48a), nas quais a correspondência com uma pseudoclivada não funciona:

- (48) a. O Pedro tem é ignorado os vizinhos no condomínio.
b. *O que o Pedro tem é ignorado os vizinhos no condomínio.

De acordo com Mioto (2012), a agramaticalidade de (48b) pode ser atribuída à falta de c-comando entre o vestígio que precede o verbo (*ignorado*) e o seu antecedente (*O Pedro*), enquanto a boa formação de (48a) indica que o vestígio é c-comandado pelo seu antecedente. As relações de c-comando

estabelecidas em (47a) e (48a) evidenciam que a focalização por meio do verbo 'ser' ocorre em uma parte baixa da estrutura, não envolve movimento para a periferia esquerda da sentença.

Segundo Shlonsky (2024), a cópula é um núcleo selecionador de foco morfológicamente realizado em PB. O autor denomina este núcleo de Sel(ecionador)F(oco). A função de Self é acionar FocP na periferia de *vP*; conseqüentemente, o foco será o constituinte que estará no escopo dessa projeção.

Quarezemin (no prelo), assumindo a análise de Shlonsky (2024), propõe a seguinte derivação para as sentenças-*ser* do PB, partindo do exemplo em (49):

- (49)
- a. Eu queria um sushi
– soldagem de Foc^o na periferia de VP e alçamento do objeto:
 - b. um sushi Foc^o [vP Eu queria ____]
– soldagem da cópula enquanto núcleo selecionador de foco (Self):
 - c. era^{Self} [FocusP um sushi Foc^o [vP Eu queria __]]
– movimento remanescente de vP para Spec,Self:
 - d. [SelfP [vP Eu queria __] **era/é**^{Self} [FocusP um sushi Foc^o [vP ~~Eu queria~~ ____]]]
– soldagem de T e movimento de vP:
 - e. [TP [vP Eu queria __] T^o [SelfP [vP ~~Eu queria~~ __] **era/é**^{Self} [FocusP um sushi Foc^o [vP ~~Eu queria~~ ____]]]]]

O núcleo Self separa o foco da parte pressuposta da sentença, garantindo o papel da cópula 'ser' como um conector que seleciona o foco na sentença, não sendo um verbo predicativo como nas estruturas pseudoclivadas. Este caso-exemplo ilustra também a vivacidade dos estudos em Cartografia também no âmbito da periferia baixa da sentença.

Além das sentenças com foco e tópico em posição baixa na estrutura, estudos outros sobre o PB têm se debruçado sobre a porção mais baixa da estrutura sentencial. De acordo com Cyrino (2023), o PB apresenta um tipo de sentença negativa, na qual o 'não' — que não corresponde à mesma negação sentencial observada, p.ex., em "João não comeu o bolo" — está baixo na

estrutura. Esse tipo de negação aparece em perífrases do tipo [estar+NEG+V_{gerúndio}], como em (50a), e [ter+NEG+V_{participio}], como em (38b).

- (50) a. Pedro está **não** comendo bem.
b. Pedro tem **não** estado em casa.
(Cyrino, 2023, p. 23)

A autora, então, investiga a possível posição sintática que a negação ocupa nessas sentenças. Segundo Cyrino, em se tratando da negação baixa nestes dois casos, não é possível estabelecer uma correspondência com o tipo de fenômeno conhecido na literatura como *Inhibited Eventualites* (cf. Fábregas; González-Rodríguez, 2019), diferentemente das perífrases prospectivas e aspectuais.

Cyrino observa algumas propriedades relacionadas à negação baixa: (i) não aceita a substituição pela forma clítica negativa *num* (diferentemente da negação sentencial que o permite) (51a); (ii) co-ocorre com a negação sentencial (51b); (iii) não nega uma proposição prévia, apenas a modifica (51c) ou estabelece um contraste com ela (51d).

- (51) a. Ela tem não/**num* vivido bem ultimamente.
b. eu também *não* tenho *não* concordado com nada
c. Tenho tentado a todo custo não pensar no futuro, fingir que vai continuar tudo mesmo, ignorar o que está por vir. Tenho *não* vivido todo esse tempo.
d. Mas de qualquer forma assim, eu não poderia [fazer o que eu estou *não* fazendo] se eu não tivesse tido a formação que eu tive.
(exemplos de Cyrino, 2023)

A autora aponta que essas propriedades são associadas a marcadores Foc^{Neg} (DeClercq, 2013), sendo que tais marcadores têm escopo na projeção FocP que domina vP, o que equivale dizer que eles não têm escopo sobre TP, seu domínio interpretativo estando restrito ao predicado vP. A proposta de Cyrino (2023, p. 38) é que ‘não’ baixo é a realização morfológica de Foc^{Neg} em PB, com em (52).

(52) [TP tenho/estou [_{FocNeg} não [_{AspP} vivido/fazendo [_{vP} tenho/estou t_{vivido/fazendo}]]]

Nesta representação em (52), os auxiliares se movem para T^o para fins de checagem dos traços temporais, enquanto os verbos principais se movem para Asp^o; sendo Foc^{Neg} soldado acima de AspP, a negação baixa permanece entre o auxiliar e o verbo lexical tanto nas perífrases perfectivas quanto progressivas. O estudo de Cyrino tem o mérito então de sugerir que a extensão das fases é variável — fato também observado em Camargos et al. (2019) para o Tenetehára —, tendo a fase baixa a extensão de Asp em PB, lugar de realização da negação baixa. Também o estudo de Cyrino se volta, portanto, a um uso das hierarquias como um *explanans*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao mostrar a vivacidade dos estudos cartográficos no Brasil, o artigo se debruçou maiormente sobre o segundo objetivo do Programa Cartográfico, qual seja o de recorrer às hierarquias, uma vez reveladas pela pesquisa em Cartografia, como um *explanans*, i.e., como explicações para fenômenos morfossintáticos e de interface os mais diversos. Para isso, foram resenhados, nas seções 1, 2 e 3, casos-exemplos de estudos de cartógrafos brasileiros que recorreram à hierarquia da oração ou f-seq para a explanação de fenômenos os mais diversos. Optamos por dividir o trabalho em três seções, cada uma correspondendo a uma zona sentencial expandida pela cartografia: assim, na seção 1, voltamo-nos a uma revisão de trabalhos sobre o CP; na seção 2, a estudos sobre o IP; e, por fim, na seção 3, a estudos sobre o vP, sempre tendo como norte o nosso objetivo inicial: o de ilustrar casos-exemplo em que as f-seq reveladas pela Cartografia são usadas na explanação de fenômenos gramaticais os mais diversos.

Para além dos trabalhos discutidos e referenciados neste texto, há uma série de outras contribuições na forma de artigos, capítulos de livros, squibs, dissertações e teses, todos atestando a produtividade do Programa Cartográfico na Linguística Brasileira. A Cartografia tem-se firmado como importante programa de investigação no Brasil, contribuindo não só com a agenda científica da Teoria de Princípios e Parâmetros da Gramática Gerativa como também com a promoção e consolidação, no panorama internacional, da Teoria e Análise Linguística feita no Brasil. Atestam essa vivacidade, além dos trabalhos aqui mencionados, o volume da revista *Linguística*, organizado por Medeiros & Martins (2019) e o livro organizado por Quarezemin e Tescari Neto (2020) sobre a sintaxe do PB em perspectiva cartográfica, que conta com oito capítulos. Tal vivacidade é também atestada em entrevistas feitas a cartógrafos ilustres por pesquisadores brasileiros: Tescari Neto e Quarezemin (2020) entrevistaram Guglielmo Cinque. Quarezemin (2020b) entrevistou Luigi Rizzi. Tescari Neto, Guesser e Rech (2020) entrevistaram Uri Shlonsky. A bibliografia brasileira sobre cartografia conta também com um manual de introdução à sintaxe cartográfica escrito em português e publicado pela editora da UNICAMP: Tescari Neto (2021)¹⁸. Além desses materiais, a bibliografia em português sobre cartografia conta também com capítulos de livros que introduzem ou apresentam a cartografia sintática, destacando-se, p.ex., os capítulos de Negrão (2017) e Guesser, Kédochim e Sousa (2019b), dentre outros.

Atestam também a importância insigne da Cartografia no âmbito das investigações em Teoria e Análise Linguística no Brasil os vários grupos de pesquisa sobre a temática, espalhados pelo Brasil: o NEG — Núcleo de Estudos Gramaticais —, na UFSC¹⁹; o LaCaSa — Laboratório de Cartografia Sintática:

¹⁸ No livro, são apresentados não só os fundamentos epistemológicos (capítulo 1) e metodológicos (capítulos 2 e 3) do programa como também exemplos de derivação de estruturas tanto no domínio da projeção estendida do V quanto no domínio da projeção estendida do N, com exemplos tanto de línguas de núcleo final quanto inicial, naturalmente com destaque para o PB.

¹⁹ <https://neg.cce.ufsc.br/> (Acesso em 26/05/2024).

Pesquisa e Ensino —, na UNICAMP²⁰; o GESC — Grupo de Estudos de Sintaxe Cartográfica —, na UnB; o LEGAL — Laboratório de Estudos sobre Gramática e Aquisição da Linguagem —, na UFRR; o Grupo de Estudios Gramaticales y Sociohistóricos del Español Fontanella de Weinberg, na UFBA²¹; o Bioling — Grupo de Pesquisa Biologia da Linguagem — na UFRJ²²; dentre tantos outros. Para além desses grupos, cumpre lembrar que uma abordagem, também cartográfica, a Nanossintaxe, tem também congregado importantes pesquisadores e contribuído sobremaneira com estudos em Teoria e Análise Linguística, destacando-se os trabalhos do Grupo de Pesquisa em Nanossintaxe²³, sediado na UNILA, que congrega pesquisadores de várias universidades brasileiras²⁴.

Ao nos termos debruçado sobre contribuições em Cartografia Sintática ao longo desses vinte e cinco anos de Cartografia no Brasil não restam dúvidas de que toda essa vivacidade do programa em território brasileiro tende(rá) a se projetar com uma agenda frutífera de pesquisa no futuro. Ampliam-se os domínios de investigação em Cartografia não só na estrutura frásica como também junto a outras projeções estendidas (a do Nome, a dos Adjetivos, a das Preposições, etc.). Ampliam-se também os trabalhos em interface com outros campos da Macrolinguística que partem, contudo, das hierarquias reveladas pela Cartografia: Linguística Clínica, Aquisição da Linguagem, Psicolinguística e Linguística Diacrônica. Há muito mapa ainda por ser desenhado. Há muita descrição, ainda por fazer, e que se pode valer, no âmbito da explanação, das sequências hierárquicas da Cartografia. O futuro é bastante promissor!

²⁰ <https://is.gd/LaCaSaUnicamp> (Acesso em 26/05/2024).

²¹ <https://fontanella.ufba.br> (Acesso em 26/05/2024).

²² <http://www.bioling.lettras.ufrj.br/> (Acesso em 26/05/2024).

²³ dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupos/5441858870064374 (Acesso em 26/05/2024).

²⁴ Destaca-se a edição especial (volume 19, número 18) de 2021 da ReVEL, organizado por Ferreira, Rammé e Wachowicz (2021) com o tema "Investigações em Nanossintaxe". <https://www.revel.inf.br/pt/edicoes/?id=60> (Acesso em 26/05/2024).

REFERÊNCIAS

ABNEY, Steven Paul. *The English Noun Phrase in its Sentential Aspect*. 1987. 363f, (Tese de doutorado) – Massachusetts Institute of Technology, MIT, Boston.

ALVES, Matheus Gomes. *A representação mental da imperfetividade em inglês: uma análise cartográfica*. 2022. 135f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – UFRJ, Rio de Janeiro.

ALVES, Matheus Gomes; MARTINS, Adriana Leitão. Remarks on Progressivity and Imperfectivity. *Cadernos do IL*, v. 65, 2023, p. 273-295. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/cadernosdoil/article/view/129489> . Acesso em 26/05/2024.

ANDRADE, Aroldo; GALVES, Charlotte. Contrast and word order: A case study on the history of Portuguese. *Glossa: a journal of general linguistics*, v. 4, n. 1, p. 1-29, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.5334/gjgl.897>. Acesso em 26/05/2024.

ANTONELLI, André Luís. *Sintaxe da posição do verbo e mudança gramatical na história do português Europeu*. 2011a. 230f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1617068> . Acesso em: 14/04/2024.

ANTONELLI, André Luis. Posição do verbo no português clássico: evidências de um sistema V2. *Alfa, rev. linguíst.*, v. 55, n. 2, 2011b, p. 501-522. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1981-57942011000200007>. Acesso em: 26/05/2024.

BAKER, Mark. The Mirror Principle and Morphosyntactic Explanation. *Linguistic Inquiry*, v. 16, n. 3, p. 373-415, 1985.

BELLETTI, Adriana. *Generalized Verb Movement*. Torino: Rosenberg & Sellier, 1990.

BELLETTI, Adriana. *Aspects of the low IP area*, ms, Università di Siena, 2001.

BELLETTI, Adriana. Aspects of the low IP area. In: RIZZI, Luigi. (org.). *The Structure of CP and IP: The Cartography of Syntactic Structures*. New York: Oxford University Press, 2004, p. 16-51.

BELLETTI, Adriana. Anotações do curso *Acquisizione del Linguaggio L2*, realizado na Università di Siena, 2009.

BELLETTI, Adriana. *Structures and Strategies*. London: Routledge Leading Linguists, 2010.

BELLETTI, Adriana; RIZZI, Luigi. Psych verbs and theta-theory. *Natural Language and Linguistic Theory*, v. 6, n. 3, p. 291-352, 1988. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/4047649> . Acesso em 31/05/2024.

BENINCÀ, Paola. Un'ipotesi sulla Sintassi delle Lingue Romanze Medievali. *Quaderni Patavini di Linguistica*, n.4, p. 3-19, 1984.

BERGAMINI-PEREZ, João Francisco. Da importância das hierarquias cartográficas como ferramenta metodológica: o caso de em x tempo. *Cadernos de Squibs: Temas em estudos formais da linguagem*, v. 5, n. 2, p. 62-71, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/cs/article/view/31635/27390> . Acesso em 26/05/2024.

BERGAMINI-PEREZ, João Francisco. *Uma proposta de análise sintático-semântica dos adjuntos temporais de medida*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/11611>. Acesso em: 09/04/ 2024.

BROSS, Fabian; FRASER, Katherine. Contrastive focus reduplication and the modification puzzle. *Glossa: a journal of general linguistics*, v. 5, n. 1, p. 1-18, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5334/gjgl.1075> . Acesso em 26/05/2024.

BROSS, Fabian. *The clausal syntax of German Sign Language: A cartographic approach*. (Open Generative Syntax 4). Berlin: Language Science Press, 2019.

CAMARGOS, Quesler Fagundes; CASTRO, Ricardo Campos; TESCARI NETO, Aquiles. Partículas de Final de Sentença (PFS): uma análise cartográfica por fases sobre o sistema da língua Tenetehára. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém, v. 14, n. 3, p. 827-855, set.-dez. 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1981.81222019000300008>. Acesso em 25/05/2024.

CARDINALETTI, Anna. Subjects and clause structure. In: HAEGEMAN, L. (org.). *The new comparative Syntax*. London: Longman, 1997.

CARDINALETTI, Anna. Toward a cartography of subject positions. In: RIZZI, L. (org.). *The Structure of CP and IP. The Cartography of Syntactic Structures*. v. 2. New York: Oxford University Press, 2004. p. 115-165.

CARDINALETTI, Anna. Cross-linguistic variation in the syntax of subjects. In: PICALLO, M. Carme (org.). *Linguistic Variation in the Minimalist Framework*. Oxford: Oxford University Press, 2014. p. 82-107.

CARDINALETTI, Anna; STARKE, Michael. The typology of structural deficiency on the three grammatical classes. *Working paper in Linguistics*. v. 4, n. 2, 1994.

CARVALHO, Janayna. A relação entre a presença do núcleo Voice e o clítico SE no português brasileiro. *D.E.L.T.A.*, v. 34, n. 2, p. 661 – 688, 2018.

CHOMSKY, Noam. *Barriers*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1986.

CHOMSKY, Noam. Derivation by phase. In: KENSTOWICZ, M. (org.). *Ken Hale. A Life in Language*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 2001, p. 1-52.

CINQUE, Guglielmo. *Adverbs and Functional Heads: a cross-linguistic perspective*. New York: Oxford University Press, 1999.

CINQUE, Guglielmo. Issues in adverbial syntax. *Lingua*, v. 114, p. 683-710, 2004.

CINQUE, Guglielmo. *Restructuring and Functional Heads: The Cartography of Syntactic Structures*. v. 4. New York: Oxford University Press, 2006.

CINQUE, Guglielmo; RIZZI, Luigi. The Cartography of Syntactic Structures. In: HEINE, Bernd; NARROG, Heiko. (org.). *The Oxford Handbook of Linguistic Analysis*. New York: Oxford University Press, 2010, p. 51-65.

CRUSCHINA, Silvio. *Discourse-related features and functional projections*. Oxford: Oxford University Press, 2012.

CYRINO, Sonia. *More on the diachrony of não in Brazilian Portuguese*. Trabalho apresentado no Semantics & Linguistic Theory 33, 2023.

D'ALMEIDA, Danton. *The pronominal doubling on the right in Brazilian Portuguese sentences: "tu vai ver só (,) tu"*. Trabalho apresentado no XIII Romania Nova, realizado em Florianópolis, 2024.

D'ALMEIDA, Danton; QUAREZEMIN, Sandra. *Redobro do sujeito à direita no Português Brasileiro: tópico na periferia vP*. Manuscrito, UFSC, no prelo.

DE CLERCQ, Karen. *A unified syntax of negation*. 2013. 214f. PhD Dissertation – University of Gent.

DUARTE, Eugenia. *A perda do princípio "evite pronome" no português brasileiro*. 1995. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

DUARTE, Eugenia. The loss of the 'Avoid Pronoun Principle' in Brazilian Portuguese. In: KATO, M.; NEGRÃO, E. V. (orgs.) *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Frankfurt am Main: Madrid/Frankfurt: Iberoamerica/Vervuert, 2000, p. 17-36.

FÁBREGAS, Antonio; GONZÁLEZ-RODRÍGUEZ, Raquel. On inhibited eventualities. *Natural Language and Linguistic Theory*, v. 38, p. 729–773, 2019.

FERREIRA, Thayse Letícia; RAMMÉ, Valdilena; WACHOWICZ, Teresa (orgs.). Investigações em nanossintaxe. *RevEL*, v. 19, n. 18, 2021.

FORERO, Francisco de Paula Pataquiva. Valência verbal e tempo verbal no espanhol colombiano: uma análise cartográfica da subida do verbo. *Caderno De Squibs: Temas em Estudos Formais da Linguagem*, vol. 5, n. 2, p. 28-38, 2020.

FRASCARELLI, Mara; HINTERHOLZ, Roland. Types of topics in German and Italian. In: WINKLER, S.; SCHWABE, K. (orgs.). *On information structure, meaning and form*. Amsterdam: John Benjamins, 2007, p. 87-116.

GALVES, Charlotte. Relaxed Verb Second in Classical Portuguese. In: WOODS, Rebecca; WOLFE, Sam (orgs.). *Rethinking Verb Second* (Oxford, 2020; online edn, Oxford Academic, 18 June 2020), Disponível em: <https://doi.org/10.1093/oso/9780198844303.003.0016> . Acesso em 11/04/2024.

GRIMSHAW, Jane. *Extended projection*. Unpublished Manuscript, Brandeis University, 1991.

GUESSER, Simone. Soggetto nullo e focalizzazione del soggetto in Portuguese Brasileiro. 2007. 115f. Dissertação (Mestrado) – Università di Siena.

GUESSER, Simone. *La sintassi delle frasi cleft in portoghese brasiliano*. 2011. 190f. Tese (Doutorado), Università di Siena.

GUESSER, Simone; QUAREZEMIN, Sandra. Focalização, cartografia e sentenças clivadas do português brasileiro. *Revista Linguística*, v. 9, n. 1, p. 188-208, 2013. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/4572> . Acesso em 26/05/2024.

GUESSER, Simone; SOUSA, Raquel; KÉDOCHIM, Flore. Perguntas com sintagmas-wh adverbiais altos, cartografia e o caso das interrogativas com ‘como assim’ em PB. *Revista Linguística*, v. 15, n. 3, p. 88- 117, 2019a.

GUESSER, Simone; KÉDOCHIM, Flore; SOUSA, Raquel Sousa. O projeto Cartográfico em Sintaxe Gerativa. In: NASCIMENTO, Lucas; SOUZA, Tania Clemente de. (orgs.). *Gramática(s) e Discurso(s): ensaios críticos*. 1ed. Campinas: Mercado de Letras, 2019b.

HEMPEL, Carl.G.; OPPENHEIM, Paul. Studies in the logic of explanation. *Philosophy of Science*, v. 15, n. 2, p. 135-175, 1948. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/185169> . Acesso em 26/05/2024.

JACKENDOFF, Ray. *Semantic Interpretation in Generative Grammar*. Massachusetts: MIT Press, 1972.

JULIEN, Marit. The force of the argument. *Working Papers in Scandinavian Syntax*, v. 84, p. 225-232, 2009.

JULIEN, Marit. *Embedded clauses with main clause word order in Mainland Scandinavian*. LingBuzz, 2010. Disponível em: <http://ling.auf.net/lingBuzz/000475> . Acesso em 31/05/2024.

KATO, Mary. O Português Brasileiro: uma língua de movimento-wh opcional?. In: QUAREZEMIN, Sandra; TESCARI NETO, Aquiles (orgs.). *A sintaxe do português brasileiro em perspectiva cartográfica*. 1. ed. Campinas: Pontes Editores, 2020, p. 73-90.

KATO, Mary; MIOTO, Carlos. Pseudo-clefts and semi-clefts. In: KATO, Mary; ORDÓÑEZ, Francisco (orgs.). *The Morphosyntax of Portuguese and Spanish in Latin America*. New York: Oxford University Press, 2016, p. 286–306.

KRIECK, Leticia Emília. As sentenças com duplicação do sujeito no português brasileiro: uma análise cartográfica. 2022. 148f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – UFSC, Florianópolis.

KRIECK, Leticia Emília. A cartografia dos pronomes resumptivos pessoais da construção de sujeito duplo do português brasileiro: uma proposta sincrônica. *Linguística*, v. 17, n. 3, p. 82-99, 2021.

KRUG DE ASSIS, Cristiane. *Sentenças clivadas e pseudoclivadas no Português Brasileiro*. 2001. 66f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – UFSC, Florianópolis.

LAENZLINGER, Christopher. *Elements of Comparative Generative Grammar: a Cartographic Approach*. Padova: Unipress, 2011.

LAKA, Itziar. The Structure of Inflection. In: HUALDE, José Ignacio; ORTIZ DE URBINA, Jon (org.). *Generative Studies in Basque Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 1993, p. 21-70.

LARSON, Richard K. On the Double Object Construction. *Linguistic Inquiry*, v. 19, p. 335-391, 1988.

LIMA, Bruno Ferreira de. A cartografia das exclamativas-wh em português brasileiro: categorias e hierarquias. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1639294> . Acesso em 27/05/2024.

LIMA, Bruno Ferreira de; TESCARI NETO, Aquiles. Propriedades sintático-semânticas das exclamativas-wh: categorias, hierarquias e derivações. *Revista Letras*, v. 101, p. 178–205.

LIMA, Bruno Ferreira de; TESCARI NETO, Aquiles. On the role of IP-related functional categories in the derivation of wh-exclamatives. In: GUESSER, Simone; MARCHESAN, Ani; MEDEIROS JUNIOR, Paulo (orgs.). *Wh-exclamatives, Imperatives and Wh-questions: Issues on Brazilian Portuguese*. 1ed. Berlim: De Gruyter, 2023, p. 53-83.

LOURENÇONI, Débora Cristina Paz Paz. *Comprometimento aspectual na doença de Alzheimer: uma análise à luz da hierarquia sintática universal*. 2023. Tese (Doutorado em Lingüística) – UFRJ, Rio de Janeiro.

MARTINS, Adriana Leitão; RODRIGUES, Nayana Pires da Silva. A hierarquia dos sintagmas de perfect universal, experiencial e de resultado: uma análise a partir da aquisição do inglês americano. *Organon*, v. 38, n. 76, p. 1-22, 2023.

MASETTO, Yan. *Diretividade em Português Brasileiro: formas, funções e usos*. 2023. 174f. Tese (Doutorado em Linguística) – UFSCar, São Carlos.

MASETTO, Yan; CONDE, Dirceu Cleber. Imperative sentences and their subjects. In: GUESSER, Simone; MARCHESAN, Ani; MEDEIROS JUNIOR, Paulo (orgs.). *Wh-exclamatives, Imperatives and Wh-questions: Issues on Brazilian Portuguese*. 1ed. Berlim: De Gruyter, 2023, p. 283-312.

MEDEIROS, Alessandro Boechat de.; MARTINS, Adriana Leitão (orgs.). Projeções funcionais, cartografia sintática e nanossintaxe. *Lingüística*, v. 15, n. 3, 2019.

MEDEIROS JÚNIOR, Paulo; SIERO, Pedro Luiz Moraes. Que lindo o que vocês fizeram! - Brazilian Portuguese wh-exclamatives and the evidence for a split force. *DELTA. Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, v. 36, n. 1, p. 1-29, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1678-460X2020360108> . Acesso em 27/05/2024.

MEDEIROS JUNIOR, Paulo. Sujeitos -Wh e movimento para posições focais em sentenças infinitivas do português brasileiro. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 26, n. 2, p. 945-979, 2018. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/11523> . Acesso em 27/05/2024.

MÉNDEZ VALLEJO, Dunia Catalina. *Focalizing ser ('to be') in Colombian Spanish*. 2009. 347f. Tese (Doutorado) – Indiana University, Bloomington.

MEIRA, Betty June. Review of "Adverbs and functional heads: a cross-linguistic perspective." *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 46, n. 2, p. 283–290, 2004. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637174> . Acesso em: 27/05/2024.

MIOTO, Carlos. Sobre o sistema CP no Português Brasileiro. *Revista Letras*, n. 56, p. 97-139, 2001. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/18409> . Acesso em 31/05/2024.

MIOTO, Carlos. Reduced pseudoclefts in Caribbean Spanish and Brazilian Portuguese. In: BIANCHI, Valentina; CHESI, Cristiano (orgs.). *ENJOY LINGUISTICS! Papers offered to Luigi Rizzi on the occasion of his 60th birthday*. Siena: CISCL, 2012, p. 287–302.

MIOTO, Carlos; KATO, Mary A. As interrogativas Q do português europeu e do português brasileiro atuais. *Revista da abralin*, v. 4, n. 1 e 2, p. 171-196, 2005. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/923> . Acesso em 26/05/2024.

NEGRÃO, Esmeralda V. A cartografia sintática. In: FIORIN, José L. (org.). *Novos caminhos da linguística*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2017, p. 61-82.

NESPOLI, Juliana. *Representação mental do perfect e suas realizações nas línguas românicas: um estudo comparativo*. 2018. 178f. Tese (Doutorado em Linguística) – UFRJ, Rio de Janeiro.

PEREIRA, Bruna Karla. 'Lá' em TopP e em FinP na cartografia do CP: um contraponto à inversão locativa. *Estudos linguísticos*, v. 41, n.1, p. 335-369, 2012.

PEREIRA, Bruna Karla. A sintaxe de 'lá' na cartografia do CP. In: QUAREZEMIN, Sandra; TESCARI NETO, Aquiles (orgs.). *A sintaxe do português brasileiro em perspectiva cartográfica*. 1. ed. Campinas: Pontes Editores, 2020, p. 147-168.

PINTO, Carlos Felipe. Ordem de palavras, movimento do verbo e efeito V2 na história do espanhol. 2011. 309f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1616857> . Acesso em: 14/04/2024.

PINTO, Carlos Felipe. A periferia esquerda em línguas V2 e línguas não V2. In: QUAREZEMIN, Sandra; TESCARI NETO, Aquiles (orgs.). *A sintaxe do português brasileiro em perspectiva cartográfica*. 1. ed. Campinas: Pontes Editores, 2020, p. 169-198.

PONTES, Eunice. *O tópico no português brasileiro*. Campinas: Pontes, 1987.

PLATZACK, Christer; ROSENGREN, Inger. On the subject of imperatives: a minimalist account of the imperative clause. *The Journal of Comparative Germanic Linguistics*, v. 1, n. 2, p. 177-224, 1998. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1023/A:1009747522177> . Acesso em 26/05/2024.

POLLI, Tércio Campos. *A periferia à Esquerda da Sentença no português brasileiro*. 2008. 252f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

POLLOCK, Jean-Yves. Verb Movement, Universal Grammar, and the Structure of IP. *Linguistic Inquiry*, v. 20, n. 3, p. 365-474, 1989.

QUAREZEMIN, Sandra. *A focalização do sujeito no Português Brasileiro*. 2005. 127f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – UFSC, Florianópolis.

QUAREZEMIN, Sandra. *As estratégias de focalização no Português Brasileiro – uma abordagem cartográfica*. 2009. 198f. Tese (Doutorado em Linguística) – UFSC, Florianópolis.

QUAREZEMIN, Sandra. Sujeito e objeto focalizados nas sentenças SVO do português brasileiro. *Fórum Linguístico*, v. 9, n. 3, p. 203-214, 2012.

QUAREZEMIN, Sandra. A arquitetura da sentença no Português Brasileiro: considerações sobre Sujeito e Tópico. *Revista Letras*, Paraná, v. 96, p. 196 – 218, 2017.

QUAREZEMIN, Sandra. Um novo olhar sobre as sentenças com redobro em Português Brasileiro. *Revista da Anpoll*. v. 1, n. 48, p. 52 – 63, 2019.

QUAREZEMIN, Sandra. Brazilian double subjects and sentence structure. In: PIRES DE OLIVEIRA, Roberta; EMMEL, Ina; QUAREZEMIN, Sandra (orgs.). *Brazilian Portuguese, Syntax and Semantics*. 20 years of Núcleo de Estudos Gramaticais. Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 2020a, p. 108 – 134.

QUAREZEMIN, Sandra. Cartography, Left Periphery and Criterial Positions: an interview with Luigi Rizzi. *DELTA: Documentação E Estudos Em Linguística Teórica E Aplicada*, v. 36, n. 1, p. 1-19, 2020b. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/52309>. Acesso em 27/05/2024.

QUAREZEMIN, Sandra. Brazilian Portuguese focalizing ser construction: focus on Self. (no prelo) In: BAUNAZ, Lena; BOCCI, Giuliano; NEVINS, Andrew (orgs.). *The Ziggurat of Grammar*.

QUAREZEMIN, Sandra; TESCARI NETO, Aquiles. Da sintatização dos focos contrastivo e exaustivo em CP e das estratégias de marcação de foco. *ReVEL*, edição especial, n. 10, p. 42-77, 2015.

QUAREZEMIN, Sandra; TESCARI NETO, Aquiles. *A sintaxe do português brasileiro em perspectiva cartográfica*. Campinas: Pontes, 2020.

QUAREZEMIN, Sandra; CARDINALETTI, Anna. Non-topicalized preverbal subjects in Brazilian Portuguese, compared to Italian. *Rivista Annali di Ca' Foscari*. Serie occidentale, Itália, v. 51, p. 383 – 409, 2017.

RAMCHAND, Gillian; SVENONIUS, Peter. Deriving the functional hierarchy. *Language Sciences*, v. 46, Part B, p. 152-174, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.langsci.2014.06.013>. Acesso em 27/05/2024.

RECH, Nubia. Hierarquia dos núcleos funcionais no português brasileiro. *Revista da Anpoll*, v. 1, n. 31, p. 207-225, 2011a.

RECH, Nubia. Verbos de reestruturação no português brasileiro. *Revista do GEL*, vol. 8, n. 1, p. 165-182, 2011b.

REIS, Livia de Mello. *A cartografia dos locativos pré-verbais no Português Brasileiro*. Tese (Doutorado em Linguística) – UFSC, Florianópolis, 2022.

RIBEIRO, Ilza. A sintaxe da ordem no Português Arcaico: o efeito V2. 1995. 286f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

RIZZI, Luigi. *Relativized Minimality*. Cambridge, Massachusetts, The MIT Press, 1990.

RIZZI, Luigi. Residual verb second and the Wh-criterion. In: BELLETTI, Adriana; RIZZI, Luigi (orgs.). *Parameter and functional heads*. New York, Oxford: Oxford University Press, 1996, p. 63-90.

RIZZI, Luigi. The Fine Structure of Left Periphery. In: HAEGEMAN, Liliane (org.). *Elements of Grammar*. Dordrecht: Kluwer Academic Publisher, 1997, p. 281-337.

RIZZI, Luigi. Notes on cartography and further explanation. *Probus*, v. 25, n. 1, p. 197–226, 2013.

RIZZI, Luigi; SHLONSKY, Ur. Strategies of subject extraction. In: GÄRTNER, Hans Martin; SAUERLAND, Uli (eds.). *Interfaces + recursion = Language? Chomsky's minimalism and the view from syntax-semantics*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2007, p. 115-160.

RIZZI, Luigi. Cartography and Explanation. Minicourse given at 3rd EISSI. Universidade Federal de Santa Catarina, 25-26 de junho de 2018. 2018a. Disponível em: <https://negufsc.wordpress.com/wp-content/uploads/2019/06/rizzi-florianopolis-minicourse-1.pdf> . Acesso em 27/05/2024.

RIZZI, Luigi. A note on left-peripheral maps and interface properties. In: GRIMALDI, Mirko; LAI, Rosangela; FRANCO, Ludovico; BALDI, Benedetta (orgs.). *Structuring Variation in Romance Linguistics and Beyond in honour of Leonardo M. Savoia*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2018b.

RIZZI, Luigi; CINQUE, Guglielmo. Functional categories and syntactic theory. *Annual Review of Linguistics*, v. 2, p. 139-163, 2016.

ROBERTS, Ian. The C-System in Brythonic Celtic Languages, V2, and the EPP. In: RIZZI, Luigi (orgs.). *The Structure of CP and IP. The Cartography of Syntactic Structures*. v. 2. New York: Oxford University Press, 2004, p. 297-328.

RODRIGUES, Patricia; LUNGUINHO, Marcus V. A gramaticalização de capaz em português brasileiro e em espanhol. *Cadernos de estudos linguísticos*, v. 63, p. 1-19, 2021.

RODRIGUES, Patricia; LUNGUINHO, Marcus V. A pragmaticalização de capaz em português brasileiro e a codificação da atitude do falante. *Revista de Estudos da Linguagem*, vol. 27, p. 549-574, 2019.

SANTANNA, Mauro Simões. Sintaxe do advérbio. 2005. Dissertação (Mestrado em Linguística) – UFRJ, Rio de Janeiro.

SANTANNA, Mauro Simões. Sintagmas adverbiais como especificadores de projeções funcionais. *Linguística*, v. 3, n. 2, p. 189-202, 2007.

SANTANNA, Mauro Simões. *Sintaxe e processamento de advérbios no português brasileiro*. 2010. Tese (Doutorado em Linguística) – UFRJ, Rio de Janeiro.

SANT'ANNA, Amanda Alevato de; MARTINS, Adriana Leitão; GOMES, Jean Carlos da Silva. Resultado e experiência: leituras aspectuais a partir do ordenamento VP-advérbio "já" no português brasileiro. *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, v. 25, n. 50, p. 59–80, 2022. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/lil/article/view/8671076>. Acesso em 27/05/2024.

SCHWEIKERT, Walter. *The Order of Prepositional Phrases in the Structure of the Clause*. Amsterdam: John Benjamins, 2004.

SELL, Fabíola. *As interrogativas do Português Brasileiro – perguntas e respostas*. 2003. 239f. Tese (Doutorado em Linguística) – UFSC, Florianópolis.

SILVEIRA, Damaris Matias. Foco e cartografia: aspectos formais das estruturas clivadas do português brasileiro. 2020. Tese (Doutorado em Linguística) – UFSC, Florianópolis.

SHLONSKY, Ur. The Cartographic Enterprise in Syntax. *Language and Linguistics Compass*, v. 4, p. 417-429, 2010.

SHLONSKY, Ur. *Focus in the 'low' left periphery, movement and locality*. Conferência apresentada no "Zoom na Cartografia", Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, novembro de 2023.

SHLONSKY, Ur. *Clause-internal focus: movement and locality*. Handout da Conferência realizada no XIII Romania Nova, realizado em Florianópolis, 2024.

SHLONSKY, Ur; SOARE, Gabriela. Where's 'Why'?. *Linguistic Inquiry*, v. 42, n. 4, p. 651–669, 2011. Disponível em: https://doi.org/10.1162/LING_a_00064 . Acesso em 27/05/2024.

SILVA, Jair. *Construções tópicas: uma abordagem funcional*. 2006. 125f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió.

SOUSA, Raquel. Das categorias envolvidas na derivação de 'como assim' de incredulidade no português brasileiro. *Caderno De Squibs: Temas Em Estudos Formais Da Linguagem*, v. 6, n. 1, p. 85–96, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/cs/article/view/33857> . Acesso em 27/05/2024.

SOUSA, Raquel. "Onde que isso é uma interrogativa-wh?": um estudo cartográfico sobre sentenças de denegação com onde e quando no PB. 2023. 109f. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Estadual de Campinas, Campinas. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/11955> . Acesso em 14/04/2024.

SOUZA DE PAULA, Wellington Michel. *Um estudo cartográfico da posição de soldagem das orações adverbiais centrais*. 2022. 113p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/8680> . Acesso em 14/04/2024.

SPEAS, Margareth. Functional Heads and Inflectional Morphemes. *The Linguistic Review*, vol. 8, n. 2-4, p. 389-417, 1991a.

SPEAS, Margareth. Functional heads and the mirror principle. *Lingua*, v. 84, n. 2-3, p. 181-214, 1991b.

TARALLO, Fernando. *On Relativization Strategies in Brazilian Portuguese*. 1983. Tese (Doutorado) – Universidade da Pensilvânia.

TESCARI NETO, Aquiles. *AdvPs de aspecto habitual como modalizadores inerentes: um estudo translinguístico*. 2008. 150f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

TESCARI NETO, Aquiles. *On verb movement in Brazilian Portuguese: a Cartographic Study*, 2013. 392p. Tese (Doutorado em Scienze del Linguaggio) – Università Ca'Foscari di Venezia. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10579/3078> . Acesso em 26/05/2024.

TESCARI NETO, Aquiles. "Só", "exclusivamente", and their positions in the sentence. *Alfa*, v. 59, n. 3, p. 557-588, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-5794-1509-7> . Acesso em 27/05/2024.

TESCARI NETO, Aquiles. A posição do quantificador universal e suas implicações para o diagnóstico do movimento do verbo. *D.E.L.T.A.*, v. 32, n. 4, p. 819–859, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-445016622919802652> . Acesso em 27/05/2024.

TESCARI NETO, Aquiles. A posição dos advérbios focalizadores na hierarquia universal. *Revista de Estudos da Linguagem*, v.25, n.1, p. 44-84, 2017. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/10940> . Acesso em 27/05/2024.

TESCARI NETO, Aquiles. Movimento do verbo finito e advérbios (bem) baixos em português brasileiro: uma aproximação à ordem “ideal” de línguas de núcleo inicial?. In: CASTAGNA, Vanessa; QUAREZEMIN, Sandra (orgs.). *Travessias em Língua Portuguesa: Pesquisa Linguística, Ensino e Tradução*. SAIL. 1.ed. Veneza: Ca'Foscarina, v. 16, 2018, p. 29-52. Disponível em: <https://edizionicafoscari.unive.it/media/pdf/books/978-88-6969-461-5/978-88-6969-461-5-ch-02.pdf> . Acesso em 27/05/2024.

TESCARI NETO, Aquiles. Falhas de transitividade são falhas de análise. *Linguística*, v. 15, n. 3, p. 21-42, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.31513/linguistica.2019.v15n3a28606> . Acesso em 27/05/2024.

TESCARI NETO, Aquiles. Diagnosing verb raising: The view from cartography. In: PIRES DE OLIVEIRA, Roberta.; EMMEL, I.; QUAREZEMIN, Sandra. (orgs.). *Brazilian Portuguese, syntax and semantics*. Amsterdam: John Benjamins, 2020, p. 168–190.

TESCARI NETO, Aquiles. *Sintaxe gerativa: uma introdução à cartografia sintática*. Campinas: Editora da Unicamp, 2021.

TESCARI NETO, Aquiles. “Adverbs and functional heads” twenty years later: cartographic methodology, verb raising and macro/micro-variation. *The Linguistic Review*, v. 39, n. 2, p. 293-331, 2022a. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/tlr-2022-2088> . Acesso em 27/05/2024.

TESCARI NETO, Aquiles. ‘Sentence adverbs’ don’t exist!. In: DUPLÂTRE, Olivier; MODICOM, Pierre-Yves. (orgs.) *Adverbs and Adverbials: Categorical Issues*. Berlin: De Gruyter Mouton, 2022b, p. 135-166. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/9783110767971-006> . Acesso em 27/05/2024.

TESCARI NETO, Aquiles. On the Raising of the Finite Main Verb in Angolan Portuguese and in Mozambican Portuguese: Cartographic Hierarchies, Microvariation and the Use of Adverbs as Diagnostics for Movement. *Probus*, v. 34, n. 1, p. 171-234, 2022c. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/probus-2022-0008> . Acesso em 27/05/2024.

TESCARI NETO, Aquiles.; FORERO, Francisco de Paula Pataquiva. Do movimento do verbo finito e infinitivo em português brasileiro e espanhol colombiano: microvariação e cartografias. *Cuadernos de la Alfal*, v. 12, n. 2, p. 491-511, 2020. Disponível em: https://www.mundoalfal.org/sites/default/files/revista/12_2_cuaderno_022.pdf . Acesso em 27/05/2024.

TESCARI NETO, Aquiles; QUAREZEMIN, Sandra. O Programa Cartográfico da Teoria de Princípios e Parâmetros: uma entrevista a Guglielmo Cinque. In: QUAREZEMIN, Sandra; TESCARI NETO, Aquiles. (orgs.). *A sintaxe do português brasileiro em perspectiva cartográfica*. 1ed. Campinas: Pontes Editores, 2020, p. 227-235.

TESCARI NETO, Aquiles; RECH, Nubia; GUESSER, Simone. General Linguistics and Cartography: an interview with Ur Shlonsky. *Revista Letras*, v. 101, p. 6-15, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/72217/43124> . Acesso em 27/05/2024.

TESCARI NETO, Aquiles; BERGAMINI-PEREZ, João Francisco; LIMA, Bruno Ferreira de. *Diagnosing features in syntactic derivation: the role of adverbs*. Manuscript, Universidade Estadual de Campinas, 2024.

TOSQUI, Patricia; LONGO, Beatriz. A distribuição dos advérbios modalizadores na sentença: uma análise de base gerativa. *Alfa*, v. 47, n. 1, p. 85-97, 2003.

TRAVIS, Lisa. *Parameters and Effects of Word Order Variation*. 1984. Tese (Doutorado) – Massachusetts Institute of Technology, Massachusetts.

WECHSLER, Ana Letícia R. A hierarquia universal dos advérbios no espanhol do Chile. *Revista Abehache*, v. 24, p. 132-154, 2023. Disponível em: <https://revistaabehache.com/ojs/index.php/abehache/article/view/473> . Acesso em 27/05/2024.

ZANFELIZ, Agnes. *As sentenças focalizadas do Português Brasileiro*. 2002. 98f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – UFSC, Florianópolis.